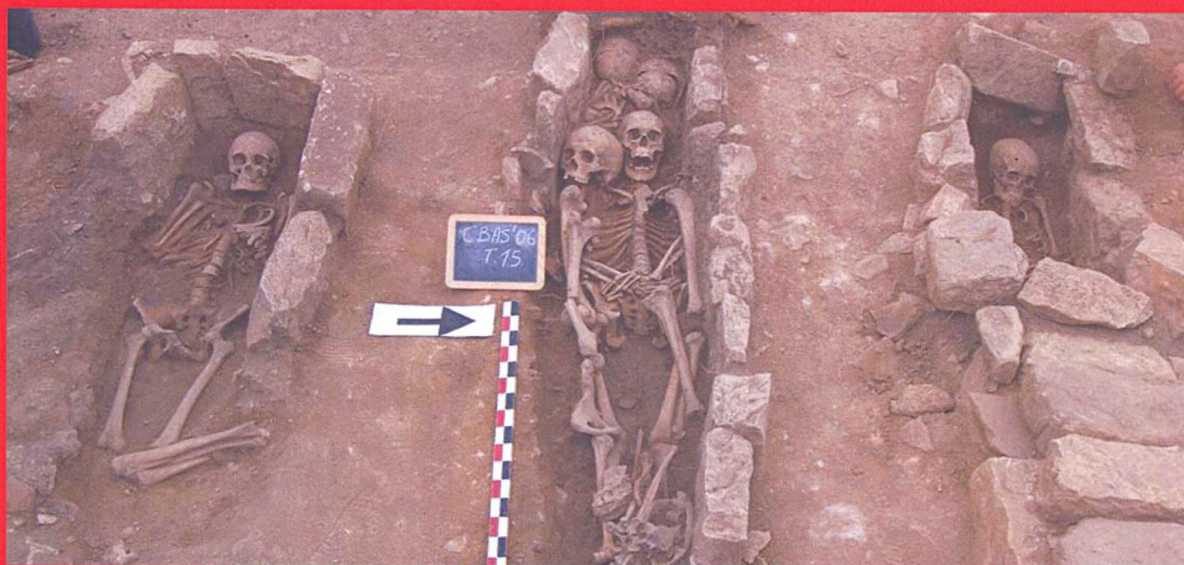




ARCHAEOLOGICAL STUDIES ON LATE ANTIQUITY AND EARLY MEDIEVAL EUROPE (400-1000 A. D.)

Series Editors: J López Quiroga, P Pergola, P Perin, G Vannini

Conference Proceedings 3



Morir en el Mediterráneo Medieval

Actas del III Congreso Internacional de Arqueología, Arte e Historia de la Antigüedad Tardía y Alta Edad Media peninsular celebrado en la Universidad Autónoma de Madrid (UAM) y en el Museo de los Orígenes de Madrid (Casa de San Isidro) – 17 y 18 de Diciembre de 2007

Jorge López Quiroga,
Artemio Manuel Martínez Tejera,
(Eds.)

BAR International Series S2001
2009

INDICE

PRESENTACIÓN	5
INTRODUCCIÓN	9
Véronique GALLIEN & Jean-Yves LANGLOIS <i>L'église du haut Moyen Age de Notre-Dame-de-Bondeville (Normandie, France): un monument privilégié pour des défunts ?</i>	11
Virgilio LOPES <i>As necrópoles de Mértola. Do mundo romano até à antiguidade tardia</i>	31
Llorenç ALAPONT MARTÍN & Albert Vicent RIBERA I LACOMBA <i>Topografia y jerarquía funeraria en la Valencia tardo-antigua</i>	59
Ariel GUIANCE <i>Modelos y variables en torno a la muerte de los santos en la hagiografía castellana medieval</i>	89
Mateu RIERA RULLAN <i>Enterramientos de la Antigüedad Tardía en las islas de Cabrera y Mallorca</i>	99
Jorge LÓPEZ QUIROGA & Artemio M. MARTÍNEZ TEJERA <i>De 'corporibus defunctorum': lectura e interpretación histórico-arqueológica del canon XVIII del primer concilio de Braga (a. 561) y su repercusión en la arquitectura hispana de la Antigüedad Tardía</i>	153
Pedro MATEOS CRUZ & Isaac SASTRE DE DIEGO <i>Mérida and its funerary spaces during the Late Antiquity</i>	185
Jorge LÓPEZ QUIROGA & Laura BENITO DÍEZ <i>Un cementerio medieval en la 'domus tancinus' de 'Conimbriga' (Condeixa-à-Velha, Portugal)</i>	203
María Encina PRADA MARCOS & Julio M. VIDAL ENCINAS <i>La muerte de los reyes de León (siglos X-XI): Aspectos históricos, arqueológicos y antropológicos desde el Panteón Real de San Isidoro de León)</i>	239
Jesús HERRERÍN LÓPEZ <i>Antropología y Paleopatología como herramientas imprescindibles para el estudio de las 'Sociedades Históricas'</i>	321
Rafael BARROSO CABRERA & Jorge MORÍN DE PABLOS <i>La Muerte en la iconografía tardo-antigua peninsular</i>	357

Compara



R. 3076
CONIINT
MOR

ARCHAEOLOGICAL STUDIES ON LATE ANTIQUITY AND EARLY MEDIEVAL EUROPE (400-1000 A. D.)

Series Editors: J López Quiroga, P Pergola, P Perin, G Vannini

Conference Proceedings 3



Morir en el Mediterráneo Medieval

Actas del III Congreso Internacional de Arqueología, Arte e Historia de la Antigüedad Tardía y Alta Edad Media peninsular celebrado en la Universidad Autónoma de Madrid (UAM) y en el Museo de los Orígenes de Madrid (Casa de San Isidro) – 17 y 18 de Diciembre de 2007

Jorge López Quiroga,
Artemio Manuel Martínez Tejera,
(Eds.)

BAR International Series S2001
2009



This volume of *British Archaeological Reports* has been published by:

John and Erica Hedges Ltd.

British Archaeological Reports

7 Longworth Road

Oxford OX2 6RA

England

Tel/Fax +44(0)1865 511560

E-mail: publishing@barhedges.com

www.barhedges.com

Enquiries regarding the submission of manuscripts for future publication may be sent to the above address.

BAR S2001

Morir en el Mediterráneo Medieval. Actas del III Congreso Internacional de Arqueología, Arte e Historia de la Antigüedad Tardía y Alta Edad Media peninsular celebrado en la Universidad Autónoma de Madrid (UAM) y en el Museo de los Orígenes de Madrid (Casa de San Isidro) – 17 y 18 de Diciembre de 2007.
(*Archaeological Studies on Late Antiquity and Early Medieval Europe (400-1000A.D.): Conference Proceedings 3*)

© Individual contributors 2009.

Printed in England by 4edge Ltd, Hockley. www.4edge.co.uk

ISBN 978 1 4073 0462 5

All BAR titles available from:

Hadrian Books

122 Banbury Road

Oxford OX2 7BP

England

Tel +44 (0) 1865 310431

Fax +44 (0) 1865 316916

E-mail: bar@hadrianbooks.co.uk www.hadrianbooks.co.uk

The current BAR catalogue with details of all titles in print, prices and means of payment, is available free from Hadrian Books or use their web site

All volumes are distributed by Hadrian Books Ltd.

AS NECRÓPOLES DE MÉRTOLA DO MUNDO ROMANO ATÉ À ANTIGUIDADE TARDIA

Virgílio LOPES

O estudo que nos propomos fazer sobre as necrópoles de Mértola é o natural corolário dos trabalhos de investigação científica, desenvolvida pelo Campo Arqueológico de Mértola com o apoio da autarquia, desde 1978. Pretende-se neste trabalho traçar um quadro evolutivo das práticas funerárias estudadas pela equipa do Campo Arqueológico de Mértola nos últimos anos centrados em intervenções arqueológicas desenvolvidas na vila de Mértola e o seu território, com especial incidência na igreja do Monte Mosteiro.

A nível da vila de Mértola são abordadas a necrópole da Achada de S. Sebastião, a Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo, o Cine Teatro Marques Duque, e de forma sumária a necrópole islâmica do Rossio do Carmo e o cemitério cristão posterior à “reconquista” localizado na área do castelo de Mértola.

Pretendemos também, fazer uma leitura da topografia histórica da vila de Mértola a nível da ocupação das áreas cemitériais.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A história do burgo de Mértola foi, desde sempre, fortemente condicionada por dois factores que moldaram a sua ocupação e a sua importância ao longo do tempo. Em primeiro lugar, a sua localização estratégica: implantado no topo de uma elevação ladeada pelo rio Guadiana, a nascente, e pela ribeira de Oeiras, a poente, possuía excelentes condições naturais de defesa. Em segundo, o ser ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana: a montante da vila, o acidente geológico do Pulo do Lobo, com um desnível de catorze metros, impede a progressão de embarcações para norte, pelo que Mértola adquire importância fundamental como último porto de acostagem. Esses factores tornaram-na num importante entreposto mercantil, em permanente contacto com um vasto território interno e com o Mar Mediterrâneo (Fig. 1). Pelo porto da cidade escoavam-se, por exemplo, o ouro, a prata e o cobre extraídos das entranhas da faixa piritosa ibérica (OLIVEIRA, e OLIVEIRA, 1996, 11) em particular os minerais provenientes das minas de S.

Domingos, localizadas na margem esquerda do Guadiana, de *Vipasca* (Aljustrel) ou dos “chapéus de ferro”, explorados na zona a Oeste de Mértola, estando certamente relacionados com a exploração e transporte desse minério os *castella* localizados nesta área (MAIA e MAIA, 1996, 60-81). E, claro está, ao porto arribavam as gentes de mil paragens e os mais diversos produtos e artefactos.

A importância de Mértola é também indissociável da sua excelente localização. Ao nível regional: estava situada no percurso da via terrestre que ligava, desde o Bronze Final, o próspero reino de Tartesso à foz do Sado e ao estuário do Tejo, via essa por onde se encaminhava para o Mediterrâneo o estanho vindo do Norte de Portugal e da Beira Interior (ALARCÃO, 1989, 41). Ela atravessava o Alentejo entre a foz do Sado e o Guadiana, através do qual se ligava ao Sul da Andaluzia.

Estas características vão dar a Mértola um importante papel nos processos históricos subsequentes, pois as estradas e o rio não transportam somente mercadorias, mas também e, principalmente, as ideias e as culturas daqueles que as percorrem, influenciando as populações dos locais que visitam. Quanto maior é o número de visitantes estrangeiros, quanto mais é facilitado o contacto com eles, maior e mais marcante será a adopção de outras referências culturais, num sentido largo, e menos conservadora a sua evolução. Mértola, terra de comércio, é, sem dúvida, um local onde essa miscigenação deixou marcas relevantes.

O MUNDO DOS MORTOS

No que respeita ao mundo dos mortos, até agora foram identificadas na cidade de *Myrtilis* três necrópoles, uma nas encostas do Rossio do Carmo, nas imediações da via que fazia a ligação a *Pax Iulia*, outra na Achada de S. Sebastião e uma terceira, recentemente descoberta, na Rua Alves Redol. Da primeira, são visíveis uma dezena de sepulturas escavadas na rocha, tendo sido exumada de uma delas uma lucerna com um enquadramento cronológico datável dos fins do século I e II d.C. (LOPES, 1993, 83). Na segunda, foram escavadas aproximadamente três centenas de sepulturas, com uma abrangência cronológica compreendida entre o século I e o V d.C. (LOPES, 1999, 95) que se estendiam por uma vasta área de terrenos xistosos, junto à margem direita do rio Guadiana, e era delimitada, a noroeste, por uma cadeia de cerros de ligeira elevação. A terceira tratou-se de uma escavação de emergência que pôs a descoberto uma importante necrópole de incineração em que foram escavados cerca de dez túmulos (Fig. 2).

Na maior parte dos casos de inumação as sepulturas estão escavadas no afloramento xistoso sendo cobertas com lajes também de xisto e terra. Nestas duas

necrópoles não foi encontrado qualquer elemento epigráfico e o espólio referente ao período romano é extremamente escasso. Pensamos que estas necrópoles tenham tido uma longa utilização, tendo sido aí seguidos rituais pagãos e, posteriormente, cristãos.

Os dados referentes aos espaços de culto funerário da Antiguidade Tardia que foram descobertos na antiga cidade de *Myrtilis* advêm essencialmente dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em monumentos que se encontram actualmente em situações distintas de conservação e usufruto. A saber: em primeiro lugar, a necrópole da Achada de S. Sebastião e a basílica paleocristã do Rossio do Carmo; ambos os casos foram escavados, musealizados e realizado o respectivo estudo monográfico; em segundo lugar, um sítio de escavação recente situado no subsolo da antiga ermida de Santo António, dita dos pescadores, onde actualmente se encontra o Cine-Teatro Marques Duque (GÓMES-MARTÍNEZ e LOPES 2007, 269-282).

Os mencionados espaços de culto situavam-se nos arrabaldes a norte de Mértola, nas imediações das principais estradas, numa nítida separação da cidade dos vivos da cidade dos mortos. A par dos estudos de natureza arqueológica estão a ser desenvolvidos trabalhos de carácter antropológico que pretendem obter não apenas as habituais classificações de idade e sexo mas uma interpretação mais lacta, que contribua para a compreensão da sociedade e modos de vida da época.

A questão da localização das necrópoles, quer de incineração, quer de inumação, constituiu uma das preocupações legislativas do mundo romano, expressa na Lei das Doze Tábuas (que estipulava que elas se deveriam situar fora de portas, junto às vias) e cujos princípios gerais seriam reforçados por Adriano, Diocleciano e Maximiniano em 290. Esta preocupação volta a ser referida por Graciano, Valentiniano e Teodósio, que em 381 decretam de novo os mesmos princípios (MARTINS E DELGADO, 1990, 175).

As primeiras descobertas relativas a esta temática devem-se a Estácio da Veiga, que nos finais do século XIX procedeu a trabalhos arqueológicos nos três locais mencionados. No primeiro caso, a necrópole da Achada de S. Sebastião, situada numa plataforma sobranceira às margens do Guadiana, foi alvo de uma visita por parte do arqueólogo após as grandes cheias de 1876, que observou no local dezassete sepulturas, classificadas como pertencentes ao período romano. A partir de 1991, os trabalhos arqueológicos da equipa do CAM puseram a descoberto uma significativa área cemiterial de longa duração, onde foram recolhidos testemunhos inquestionáveis do culto cristão. Essa necrópole foi parcialmente ocupada pelas novas construções escolares, embora, tenha sido preservada uma parte significativa, que foi alvo de escavação arqueológica,

reconstrução e musealização. Este núcleo é ainda composto por uma ermida quinhentista reconstituída. Um segundo espaço, o Rossio do Carmo, foi posta a descoberto um importante conjunto de estruturas pertencentes a uma basílica paleocristã. De 1980 a 1992 foram aí feitas escavações pelo CAM. Posteriormente as ruínas foram musealizadas, constituindo hoje um importante núcleo do Museu de Mértola.

Refira-se por fim, o Cine-Teatro Marques Duque, que, à época de Estácio da Veiga, era ocupado pela ermida de Santo António. Nas imediações desse templo, o referido autor procedeu a escavações, pondo a descoberto estruturas de várias épocas históricas e seis sepulturas, e recolhendo materiais epigráficos. Ultimamente um projecto de remodelação do Cine-Teatro motivou uma intervenção arqueológica levada a cabo pela equipa do CAM, que pôs a descoberto um conjunto de sepulturas enquadráveis na Antiguidade Tardia.

A NECRÓPOLE DE INCINERAÇÃO DA RUA ALVES REDOL

A remodelação do eixo comercial de Mértola, que está a ser levada a cabo no presente momento, motivou um acompanhamento arqueológico e a consequente escavação de significativos vestígios arqueológicos que atestam a importância histórica da vila de Mértola. Os dados aqui apresentados são provisórios e circunstanciais, pois a escavação ainda está a decorrer e é preciso limpar, restaurar e estudar o importante conjunto de materiais entretanto posto a descoberto.

A Necrópole De Incineração

Numa curva da rua e após a abertura da vala em profundidade, eis que surge debaixo de um derrube, parte de um cemitério em que o ritual praticado era a incineração. Esta prática funerária consistia na cremação dos cadáveres e a recolha e a colocação dos ossos e cinzas em urnas de barro ou de vidro. Posteriormente estes recipientes eram colocadas na terra em caixas delimitadas por pedras. Deste ritual fazia parte a deposição de alimentos em recipientes de barro e líquidos em objectos de vidro. Este ritual romano esteve em prática entre os séculos II a.C. e o século III d. C., embora no caso presente parece ter sido abandonado em finais do século II a.C.

A escavação arqueológica para além da recolha de um importante conjunto de artefactos proporcionou a descoberta, rara em território português, do local onde eram incinerados os corpos. As incinerações poderiam ser feitas no local onde se realizava a sepultura *bustum*, ou podiam ser feitas num outro local dedicado especificamente para este fim *ustrinum* (PÉREZ, 2006,

29). No presente caso, parece tratar-se de um local onde eram cremados os corpos e posteriormente recolhidas as cinzas em vasos e seguidamente sepultadas (Fig. 4)..

A NECRÓPOLE DA ACHADA DE S. SEBASTIÃO

Localização e caracterização

A estação arqueológica da Achada de S. Sebastião situa-se numa plataforma sobranceira à margem direita do rio Guadiana, num arrabalde da vila de Mértola, em área de recente crescimento urbano. A sua identificação deve-se ao arqueólogo Estácio da Veiga que visitou o local logo após a gigantesca cheia do Guadiana que se verificou no final de 1876. A acção intempestiva das águas pusera parcialmente a descoberto algumas sepulturas de uma necrópole e arrasara uma pequena ermida dedicada a S. Sebastião, de fundação quinhentista, procedendo o citado arqueólogo ao reconhecimento do sítio, à feitura de uma planta e à recolha de alguns materiais (VEIGA, 1880). No comentário que acompanha a planta, informa que *"estavam simplesmente perceptíveis dezassete sepulturas mas nenhuma em estado de se poder examinar"*. Apesar de não ter realizado trabalhos de natureza arqueológica, atribui a necrópole ao período romano, não excluindo a hipótese de ter uma *"origem mais antiga, embora posteriormente aproveitada"* (VEIGA, 1983, 81).

O projecto de ampliação da Escola Secundária de Mértola, localizada junto à necrópole, e a construção de um pavilhão gimnodesportivo motivaram uma intervenção arqueológica da equipa do CAM, levada a efeito entre Outubro de 1991 e Janeiro de 1992. Apesar do carácter de emergência que assumiu, foram identificadas e estudadas 182 sepulturas, número que viria a ser significativamente aumentado com as escavações realizadas nos anos seguintes. Até ao momento são conhecidos 269 exemplares, dos quais se conservam, na área musealizada, somente 87, junto à ermida de S. Sebastião. Estes dois espaços - ermida e necrópole - foram escavados entre 1992 e 1998 pelos alunos e professores do curso de Técnicos de Museografia Arqueológica da delegação de Mértola da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça.

A necrópole estende-se por uma vasta área de terrenos xistosos junto à margem direita do rio, encontrando-se delimitada a noroeste por uma cadeia de cerros de ligeira elevação. Nas suas proximidades, para Norte, situar-se-ia uma *villa*, de que já não restam hoje vestígios. Nas proximidades desta e da necrópole passava uma variante da estrada que ligava a então *Myrtilis* a *Pax Iulia*, e que neste local ladeava a necrópole e a *villa*, serpenteando junto à margem do Guadiana até ao barranco de S. Brás, inflectindo, nesse ponto, para o interior, em direcção às povoações de Corte Gafo de Baixo, Monte Mosteiro e Amendoeira da

Serra e seguindo depois para Beja. Entre a Achada de S. Sebastião e a de S. Brás foram já identificadas *villae* de época romana, que parecem obedecer a uma mesma lógica de implantação, ou seja junto de solos aráveis junto à margem do rio. Cada *villa* tinha o seu próprio cemitério. A necrópole da achada de S. Sebastião ultrapassa as dimensões habituais nesses casos, tendo-se transformado numa necrópole urbana (Fig. 5).

Muito mais tarde, nos tempos medievos a Achada de S. Sebastião tornou-se uma das mais importantes hortas de abastecimento da vila de Mértola. A sua utilização contínua, assim como a acção destrutiva das águas de enchentes que ciclicamente, com mais ou menos violência, se estendiam pelas margens, explicam o generalizado mau estado de conservação das sepulturas.

A via romana que passava ao lado, tinha uma largura média de cerca de quatro metros, e na altura da escavação apresentava vestígios em quase duzentos metros de extensão. Possuía na parte lateral Oeste uma pequena vala de escoamento das águas pluviais, vital para a sua manutenção. Não dispunha de qualquer tipo de calçada, pois estava implantada numa base de rocha, que foi talhada tanto na vertical - nalguns pontos o corte ultrapassava um metro de profundidade -, como na horizontal, para a construção do caminho.

A escavação

Os objectivos que presidiram à intervenção arqueológica, atendendo à situação de emergência referida, eram os de definir a área da necrópole, identificar e estudar o conjunto de sepulturas e o seu espólio e, finalmente, delimitar a zona a conservar e a musealizar (Fig. 6).

Na área da necrópole sujeita a escavação (cerca de 1000 m²) procedeu-se à divisão em quadrículas de quatro metros de lado e eixos orientados nos sentidos Norte-Sul e Este-Oeste. A natureza do terreno, com finas camadas de terra cuja espessura variava entre os cinco e os vinte centímetros, permitiu, apenas pontualmente e sem resultados significativos, uma leitura estratigráfica do sítio. Na cota mais alta da necrópole, a Sul, alinham-se várias sepulturas escavadas no afloramento xistoso, maioritariamente sem cobertura, tendo as mesmas apenas recebido trabalhos de limpeza de superfície e da caixa sepulcral.

O conjunto das 269 sepulturas identificadas e estudadas apresentam uma considerável dispersão espacial sugerindo que este vasto campo mortuário poderia ter tido, e tendo em conta a área disponível, o dobro dos túmulos. O cemitério estendia-se por uma área de meio hectare, tendo uma parte substancial sido destruída ou ficado soterrada aquando da ampliação do complexo escolar. No entanto, como já se disse, foi possível conservar um espaço desta necrópole contendo 87

sepulturas, demonstrativas dos vários tipos existentes, que foram alvo de musealização e de integração no espaço escolar.

As sepulturas

As sepulturas da necrópole de S. Sebastião que foram objecto de intervenção arqueológica, são, na sua quase totalidade, talhadas no afloramento xistoso. Contudo, nas zonas onde o terreno desenha ligeiras depressões e a rocha de base se apresenta menos consistente, a caixa sepulcral foi construída em paredes de tijolo e/ou de alvenaria. As sepulturas mais bem conservadas, ou mesmo intactas, eram as que se situavam, maioritariamente, a níveis mais profundos, pois estiveram menos sujeitas às cheias ou aos trabalhos agrícolas. Neste caso, a planta respectiva apresenta um contorno ligeiramente trapezoidal em contraste com o traçado rectangular ou ovalado das que se encontram implantadas na zona mais elevada da plataforma xistosa. No entanto, algumas sepulturas, apesar de abertas no afloramento xistoso, apresentam paredes em tijolo, ou em alvenaria e, de um modo geral, têm uma fossa rochosa de maiores dimensões.

A existência de pregos de ferro e de bronze sugere a utilização de caixões ou, como refere G. Ripoll, de padiolas de madeira em que os inumados tivessem sido transportados e depositados (Ripoll, 1996, 223).

A profundidade das sepulturas varia entre os 20 centímetros, quando se destinavam a sepulturas de crianças, até cerca de um metro, quando recebiam adultos. A largura das sepulturas de adulto situa-se entre os 50 e os 100 cm, à excepção da sepultura 221, que possui dimensões pouco comuns no contexto desta necrópole, apresentando a largura máxima de 160 cm. Infelizmente, os dados antropológicos não nos permitem saber se este túmulo possuía mais do que um enterramento simultâneo, caso que se justificaria plenamente dadas as dimensões que apresenta. O túmulo 240 revela alguns dados sobre a fase inicial do processo construtivo das sepulturas. É perceptível a marcação sumária da área sepulcral (de 180 cm. de comprimento, por 50 cm. de largura, e 10 cm. de profundidade), tendo posteriormente sido aprofundada apenas uma parcela para albergar uma criança ou um jovem, ficando a restante parte por utilizar.

A cobertura das sepulturas, nos casos em que, parcial ou integralmente, se conservou, era feita com lajes de xisto, colocadas transversalmente em relação ao comprimento da caixa. Uma das sepulturas, no entanto, encontrava-se coberta por *tegulae* dispostas do mesmo modo (foram descobertas fragmentadas e abatidas no interior), solução, por certo, aplicada em mais casos. É possível que os fragmentos deste material recolhidos no interior de outras sepulturas escavadas, sejam indícios da sua utilização mais vasta, mas nada, pode, com segurança, ser afirmado (Fig. 7).

O fundo da sepultura é geralmente constituído pela rocha de base ou por terra. As sepulturas 190, 191 e 242, no entanto, apresentam uma arquitectura funerária diferente: no primeiro caso o pavimento era de ladrilhos, e nos dois outros de placas de mármore.

Registe-se, por outro lado, que nenhum dado arqueológico até ao momento recolhido permite confirmar a hipótese de no local ter existido uma necrópole de incineração, como à partida o denunciava o achado de uma "*urna cinerária*", ou de um "*fundo de amphora de argilla vermelha com um fragmento de craneo e residuos de incineração, mostrando ter servido de receptaculo cinerario*" (VEIGA, 1983, 31, 32, 83 est. 5). Na parte preservada da necrópole, foram deixadas intactas três sepulturas, representativas das diferentes técnicas construtivas utilizadas, de modo a possibilitar novas investigações arqueológicas às gerações futuras.

A orientação dos enterramentos é maioritariamente NO - SE, com a cabeça depositada a NO, facto que, certamente, se prendia mais com questões de natureza prática do que com questões de índole religiosa. A orientação das sepulturas escavadas na rocha segue os alinhamentos naturais do xisto, sendo desta forma mais fácil a abertura do local de enterramento. No entanto, três sepulturas apresentam uma orientação distinta, em que os defuntos eram depositados com a cabeça viradas para SO. A arquitectura funerária dos túmulos é em tudo semelhante aos demais, o que nos leva a pensar que se trata de sepulturas contemporâneas das restantes. Esta diferença na orientação das duas primeiras (262 e 263) não se deverá por certo à falta de espaço (pois os enterramentos nesta zona apresentam-se bastante dispersos), mas sim ao facto, confirmado pelo estudo antropológico, de se tratar de indivíduos de sexos opostos, eventualmente um casal que tivesse optado por um enterramento paralelo.

Terão estes três indivíduos pretendido um enterramento segundo o ritual romano em que é seguida uma orientação Sul-Norte dos corpos? Tratar-se-ia de gente vinda de outras paragens do Império, que terá desejado ser sepultada consoante as suas crenças? Estas dúvidas são de difícil resolução, pois não se verifica nos cemitérios romanos uma uniformidade no alinhamento dos sepulcros. A predominância vai para uma disposição N-S ou S-N, se bem que a partir do século IV se verifique um predomínio do sentido O-E, sem que tal facto possa ser interpretado como uma mudança de atitude ou de religião. Como sublinha B. Young, a Igreja só a partir do século V é que começa a normalizar a orientação dos seus edifícios religiosos, e, consequentemente, das sepulturas (YOUNG, 1997, 19), tendo os primeiros cristãos continuado as práticas de enterramento anteriores (BARROCA, 1987, 13). Pode, pois, tratar-se de uma ocorrência accidental.

Sepulturas privilegiadas

As distintas soluções empregues na construção dos túmulos leva a pensar na existência de uma hierarquização da arquitectura funerária dependente dos estratos sociais dos defuntos. No grupo de sepulturas mais cuidadas incluímos as que possuíam placas de mármore a definir a caixa, como nos túmulos 191 e 242, em que a base da construção assenta numa placa de mármore. Neste conjunto, em que as inumações beneficiaram de cuidados adicionais na feitura dos túmulos, incluímos também os casos em que a arquitectura funerária recorreu a materiais de construção certamente reaproveitados, como os tijolos rectangulares, os tijolos quadrantes de colunas, os ladrilhos e as *tegulae*. Neles houve uma preocupação acrescida na inumação, que não só implicou a abertura da caixa sepulcral no afloramento xistoso ou na terra, como também um trabalho suplementar no arranjo interior da sepultura. Poderemos ainda englobar nos casos de características particulares aqueles em que a inumação foi feita recorrendo à utilização de um caixão ou padiola de madeira para a protecção do corpo.

No que concerne a identificação das sepulturas com lápides funerárias, estelas, cipos ou outros elementos epigráficos, não existiam, ou não subsistiram, quaisquer vestígios arqueológicos.

O ritual funerário

Dado que uma sepultura está longe de ser um vestígio accidental de uma sociedade, o arqueólogo deve preocupar-se em compreender a relação existente entre as diferentes práticas funerárias, os restos materiais que deixam como testemunho e a sua transformação em registo arqueológico (CHAPMAN, 1987, 210). A reconstituição dos pormenores do ritual funerário é por si uma tarefa complexa. No caso em estudo, esta tornou-se particularmente difícil dado o mau estado de conservação apresentado pela generalidade do espólio osteológico conservado. Contudo, esta necrópole apresenta as características habituais dos cemitérios dos últimos tempos do Império Romano. Trata-se de uma necrópole extra-muros, com sepulturas de inumação individuais, escavadas na rocha e com uma orientação muito regular, noroeste-sudoeste, com apenas algumas excepções (MORALES, 1999, 116).

A escassez de elementos antropológicos é a dominante neste cemitério, apenas 19 % dos enterramentos continham restos dos indivíduos sepultados; apesar deste facto, os resultados permitem inferir uma homogeneidade na posição dos corpos, em decúbito dorsal, com os braços ao longo do corpo, sendo apenas conhecido um caso em que o indivíduo parece ter sido enterrado com a mão apoiada no peito (MORALES, 1999, 109).

Espólio associado

Uma medalha, em ouro, com 18 milímetros de diâmetro, de 1,5 gramas de peso foi o objecto metálico descoberto mais importante, e é composto por um *chrismon* (monograma dos inícios do cristianismo que corresponde às iniciais gregas das palavras Jesus Cristo). No braço horizontal da cruz estão representados o *alfa* e o *ómega*, significando que Cristo é o começo e o fim da evolução criadora. Na parte superior da medalha encontra-se uma argola que estabelece a ligação com três elos entrelaçados da corrente (infelizmente incompleta), também executada no mesmo metal (Fig. 8).

A medalha provém do interior de uma sepultura de criança ou jovem (n.º 243). Este valioso achado foi descoberto no dia 26 de Junho de 1997 quando, no decorrer de aulas práticas, um grupo de alunos do curso de Técnicos de Museografia Arqueológica, procedia a escavações arqueológicas naquele local.

Apesar da representação do *chrismon* ser frequente em Mértola, em especial no importante acervo lapidar da basílica paleocristã do Rossio do Carmo (século V-VIII), é a primeira vez que surge numa medalha. A importância arqueológica do achado reside, não apenas na circunstância de se tratar de um objecto em ouro mas, também, no facto de ser um importante elemento de datação da ocupação deste campo mortuário. Apesar de não termos encontrado qualquer paralelo exacto para esta peça, pensamos que poderá datar de inícios do cristianismo, pois, em Roma, são conhecidos alguns exemplares destas cruzes desde a segunda metade do século IV, comuns até ao final da primeira metade do século V (GONDI, 1968, 64, fig. 41). Refira-se que a representação do *chrismon* aparece pela primeira vez nas moedas cunhadas em Siscia (Sisak, Croácia) no ano de 317 (SIMON e BENOIT, 1985, 326).

O fabrico desta peça, apesar de não requerer grande instrumental para a sua elaboração, pressupõe o domínio de uma tecnologia das artes do fogo e da martelagem.

A corrente consiste em argolas soldadas, dobradas e encaixadas umas nas outras. A medalha foi executada a partir de um fio de secção circular, posteriormente martelado. A junção dos braços da cruz foi feita com solda, que depois foi também martelada.

No espaço preservado da necrópole, quando das limpezas periódicas que se fazem ao local, foi encontrado posteriormente, no ano 2000, um numisma de bronze de Constante cunhado possivelmente em Roma entre 337 e 340 (Anverso: [DN F]L CONSTANS [AVG], Busto à direita, laureado com rosetas, com manto e couraça (?). Reverso: GLOR-IA EXERC[ITVS], Dois soldados em pé de frente, cabeças voltadas para o centro, segurando uma lança

invertida e apoiados sobre escudo; entre eles, um estandarte. Bronze, 1,3 gr; 14,4 mm. Ref. bib: LRBC, n.º 615, p. 16. RIC VIII, n.º 26, p. 250).

-A nível da cerâmica destacamos um fragmento de lucerna, em *Terra Sigillata* clara D. No disco é possível observar a parte superior do *chrismon*, bem como um orifício de alimentação; a delimitar o disco existem dois sulcos paralelos. A asa é constituída por um apêndice de forma triangular. Este fragmento de lucerna é datável do século IV e encontra paralelos em Conímbriga (ALARCÃO, *et alii*, 1979, 107, paralelos com o n.º. 125.) e em Ampúrias (PALOL, 1949, 233-265).

As peças arqueológicas provenientes das sepulturas remetem para a presença, neste cemitério, de rituais em que vasilhas de diferentes funções (potes, terrinas, pratos, tachos, taças, bilhas) foram colocadas no interior dos túmulos.

Esta prática da colocação de oferendas alimentares (sólidos e líquidos) e de incenso no interior das sepulturas não foi exclusiva dos enterramentos romanos (pagãos), e verifica-se também nas sepulturas cristãs. O facto de haver sepulturas cristãs ficou demonstrado neste cemitério pelo aparecimento de dois objectos (medalha em ouro e lucerna) portadores de uma inegável simbologia cristã. Mais uma vez estamos em presença não de rupturas, mas de continuidades culturais, próprias de uma lenta evolução das práticas religiosas.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA ERMIDA DE SANTO ANTÓNIO ACTUAL CINE-TEATRO MARQUES DUQUE

A mais antiga referência histórica a este edifício provém, uma vez mais, da obra de Estácio da Veiga intitulada *Memórias das Antiguidades de Mértola*. O autor refere o “limitado reconhecimento que empreendi junto à valleta da estrada, quasi em frente da ermida de Santo Antonio” (VEIGA, 1983, 119) e terem ali aparecido três epitáfios funerários gravados em placas de mármore e seis sepulturas que foram alvo de intervenção arqueológica. Para além do aparecimento dos túmulos, assinala: “Acima d’estas sepulturas notei vestígios de paredes antigas e um tanque com revestimento interno de cimento romano, medindo 2,32m de comprimento, 1,01m de largura e 0,69m de fundura, estando porém superiormente cortado” (VEIGA, 1983, 121).

Localização e caracterização

Em ano incerto do século XVII temos a referência da fundação de uma igreja dedicada a Santo António, dita dos pescadores. Deste local de culto apenas se pode inferir, através de fotografias dos finais do século XIX onde surge o alçado posterior, que era um templo de

uma nave, com a capela-mor rebaixada e pouco saliente e a fachada voltada à estrada que liga Mértola a Beja, actual EN 122, que tinha sido aberta por essa altura.

Pelo cruzamento da documentação escrita sabemos que a Igreja se manteve aberta ao culto até à viragem da primeira década do século XX. Devido ao estado de degradação do edifício, a Câmara Municipal tomou posse do mesmo em 1915, adaptando-o a cantina escolar nos dois anos seguintes, sendo demolido posteriormente para dar lugar ao Cine-Teatro municipal, construção revivalista do período republicano, que se encontra ainda em funcionamento. Trata-se pois de um sítio de extrema importância para a compreensão da evolução histórica e urbanística de um antigo arrabalde de Mértola (Fig. 9).

A escavação

As escavações arqueológicas realizadas de Maio a Agosto de 2001 no interior e na área envolvente do edifício (originadas pela projectada reabilitação deste imóvel) puseram a descoberto três ocupações distintas: a primeira, constituída pelos restos da edificação da ermida de S. António, compostos por paredes de alvenaria de pedra e argamassa; a segunda, onde foram detectadas estruturas e níveis habitacionais do período islâmico, constituídos por muros de pedras que tinham como ligante terra argilosa. Por último, foram identificadas treze sepulturas, das quais onze foram escavadas, revelando práticas funerárias e técnicas construtivas enquadráveis no período que estamos a tratar neste estudo. Nos trabalhos levados a cabo pelo arqueólogo Estácio da Veiga foram postas a descoberto seis sepulturas, que o referido autor descreve: “Duas manifestaram revestimento interno de parede delgada, construída de pedra assente em terra amassada. O fundo era também revestido de pedra miuda, cravada em terra molhada. Havia outra que tinha perpendicularmente erguida no topo da cabeceira uma pequena laje delgada de mármore branco. As primeiras cinco eram quasi perpendiculares ao rio, apontada para SE. a extremidade inferior” (VEIGA, 1983, 119), a sexta sepultura possuía contudo uma orientação distinta “Tinha sido escavada n’um sentido quasi perpendicular às outras e orientada entre NNE e SSO” (VEIGA, 1983, 121).

Tipologia construtiva

Grande parte das sepulturas escavadas foi parcialmente destruída pelas edificações que se lhe seguiram. Os dados de que dispomos são extremamente parcelares, pois apenas uma das sepulturas possuía ainda a sua cobertura interior (Fig. 10).

A nível dos túmulos verificam-se duas situações distintas. Assim, nos locais onde a rocha estava à a fossa ali escavada. E as lajes de cobertura assentavam

na própria rocha, afeiçoada para o efeito. Noutra conjunto, devido à própria natureza do terreno, com a rocha base a uma profundidade maior, a sepultura é delimitada por muros. Esta dualidade de situações verifica-se também na basílica do Rossio do Carmo e na necrópole da Achada de S. Sebastião.

As medidas das sepulturas rondam os 1,80 m. de comprimento, os 0,40 m. de largura e os 0,50 m. de profundidade. As sepulturas dispõem-se de forma paralela. Nos casos onde existiam agrupamentos de inumações que o espaço entre os túmulos é diminuto, situação análoga ao templo paleocristão do Rossio do Carmo.

A sepultura n.º 2, a mais bem conservada do conjunto, possuía restos de cobertura em *opus signinum* do mesmo tipo dos encontrados no Rossio do Carmo. A sepultura apresentava ainda a cobertura executada com lajes de xisto. Pelos fragmentos de mármore encontrados em deposições secundárias, inferimos que as sepulturas teriam lápides funerárias que as identificassem. Pelos escassos fragmentos de *opus signinum* conservado *in situ*, e à semelhança da basílica do Rossio do Carmo, concluímos que, possivelmente, o pavimento deste templo seria, tal como a cobertura das sepulturas, em *opus signinum*.

As sondagens realizadas no Cine-Teatro não identificaram restos de uma construção religiosa que albergasse o conjunto de sepulturas. No entanto, Estácio da Veiga refere-se a muros antigos que bem poderiam ter pertencido a tal construção onde estes túmulos estariam inseridos.

O mesmo autor refere também um tanque que ele considera “uma piscina de banho pertencente a um domicílio particular, e anterior, certamente, ao tempo dos enterramentos” (VEIGA, 1983, 121). Pelos materiais provenientes deste local, um fragmento de cancela, decorada com uma sequência vazada de círculos secantes, exposto no Núcleo Paleocristão (LOPES, 1993, 95), e um capitel de tipo corintizante exposto no Núcleo do Castelo do Museu de Mértola (TORRES, BOIÇA, LOPES, PASSINHAS, 1991, 39) podemos inferir a existência, neste local, de um templo religioso. Não é muito provável que se trate de uma piscina de um edifício particular, mas antes de um possível baptistério, no interior de uma basílica, que, por sua vez, albergaria um espaço funerário. A existência de basílicas funerárias com baptistérios associados foi uma situação frequente. Ao nível peninsular, como ficou demonstrado por Pedro Palol (PALOL, 1967, 6) e, mais recentemente, por C. Godoy Fernández (GODOY, 1995).

Os dados antropológicos

As sepulturas apresentavam-se, na sua maioria, remexidas e parcialmente destruídas pelas construções

que este espaço posteriormente abrigou, pelo que os dados de natureza antropológica são escassos e provisórios, decorrendo da análise efectuada no decurso da escavação levada a cabo pela equipa do CAM (os restos osteológicos estão a ser estudados pela equipa de antropologia do CAM, e aqui agradecemos as informações prestadas por Alicia Morales e Clara Rodrigues que nos facultaram os dados antropológicos aqui apresentados). Do conjunto de sepulturas escavadas, apenas quatro apresentam restos ósseos, contendo uma delas (sepultura 2), o esqueleto quase completo, de um adulto do sexo feminino. Nos restantes casos, os restos ósseos eram escassos, pelo que apenas poderemos atestar com segurança a presença de um enterramento de criança, sendo os restantes de adultos.

Os enterramentos seriam individuais, com a deposição do cadáver feita em decúbito dorsal. A orientação das sepulturas é, *grosso modo*, E-W. A cabeceira está orientada N-NW (320°). Nos dois casos em que os ossos das mãos e dos braços se conservaram, apresentam duas formas distintas de colocação, um com as mãos sobre o púbis e o outros com os membros colocados ao longo do corpo.

Nas sepulturas que apresentavam restos ósseos não foi observada a prática de reutilização da sepultura; no entanto, os reduzidos elementos de que dispomos não nos possibilitam saber se essa prática foi utilizada neste cemitério. Nas necrópoles da Achada de S. Sebastião e na basílica do Rossio do Carmo isso verificam-se com alguma frequência.

Pela análise da sepultura n.º 2 infere-se que o ritual funerário consistia no transporte até ao local, num esquife, com deposição do cadáver na sepultura. Não foi observado qualquer espólio funerário que acompanhasse o defunto, nem qualquer indício da utilização de caixão de madeira. Apesar disso, Estácio da Veiga, numa sepultura que escavou no local em 1876, registou, “aos pés uma defeza de cabra, parecendo intencionalmente ali collocada como objecto de superstição” (VEIGA, 1983, 120). Estaremos perante sobrevivência de cultos pagãos num cemitério cristão? Ou a convivência dos dois cultos no mesmo espaço? O mesmo autor refere também que as seis sepulturas escavadas apresentavam restos ósseos de adultos em muito mau estado de conservação.

O Espólio arqueológico

O espólio arqueológico que poderemos associar aos enterramentos é extremamente diminuto, pois a única sepultura que possuía cobertura, com lajes de xisto, não apresentava qualquer espólio votivo. Os escassos elementos que poderemos relacionar com os enterramentos são constituídos por três pequenos restos de epitáfios gravados em mármore cinzento. No primeiro trata-se de dois pedaços de mármore, que

permitiram colagem, e que apresentam como motivo decorativo um arco e uma palmeira (Fig. 11). Do campo epigráfico apenas se conservou o que nos parece ser um “S”. O segundo fragmento de lápide funerária possui como motivos ornamentais uma coluna e um capitel. Da inscrição funerária apenas existe a letra “V”. Do terceiro elemento apenas é perceptível um pequeno sulco na vertical que possivelmente delimitaria o campo epigráfico (LOPES, 2003, 142).

Os fragmentos de lápides, à semelhança dos da Basílica do Rossio do Carmo mostram terem sido gravados a bisel, tratando-se de uma decoração com sulcos pouco profundos.

As decorações que apresentam poderiam incluir-se na temática dos arcos com colunas. É de realçar desde já que o motivo decorativo da palmeira não se encontra representado nas lápides funerárias proveniente da basílica, cujo espólio foi estudado por Manuela A. Dias. Contudo, a palmeira possui paralelos numa inscrição encontrada em Córdoba, pertencente a *Teodosius*, datada de 562 (CIL II, parte 7, n.º 657 /http://www2.alcala.es/imagenes_cilii/CILII7,0657.jpg).

Mais frequente é a decoração com coluna e capitel que delimitam o campo epigráfico, existindo na basílica do Rossio do Carmo oito lápides com esta decoração, sendo o motivo mais frequente neste cemitério. Aquando da intervenção de Estácio da Veiga no local, foi-lhe oferecida uma inscrição retirada “de uma das muitas sepulturas que os trabalhos públicos completamente destruíram” (VEIGA, 1983, 117). Trata-se de uma lápide funerária em mármore cinzento e com a inscrição gravada em caracteres gregos, incompleta nas últimas linhas, o que fez perder possivelmente a sua datação. A inscrição foi estudada por Hübner, que propôs a seguinte tradução: “Aqui Morreu Zózimo filho de Polynios (...)” (VEIGA, 1983, 118). Esta lápide encontra-se hoje nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia. Em 1887 Estácio da Veiga adquiriu duas outras inscrições que, pelas indicações referidas na sua obra, a provêm do mesmo local. Assim, “uma belíssima lamina de mármore granular branco, de notável translucidez” (VEIGA, 1983, 98), apresentando o epitáfio de *Donata*, datada do ano de 465 (DIAS, 1997, 330). O mesmo autor dá notícia do aparecimento, no interior da sepultura, de um anel “de dedo muito delgado”, que, no entanto, a pessoa que o encontrou deitou fora por se tratar de um objecto em cobre (VEIGA, 1983, 98). Nas imediações “junto à valeta e quasi em frente” (VEIGA, 1983, 101), da *ermida de Sto. António foi recolhido e oferecido ao autor o epitáfio de Orania*. A leitura da inscrição feita por Estácio da Veiga data esta epigrafe de 511 (VEIGA, 1983, 102). No entanto, Manuela A. Dias apresenta uma nova leitura epigráfica, que muda a datação para de 503 (DIAS, 1993, 118). Um outro epitáfio cristão foi recolhido pelo autor: “achou-se este

monumento quando se abriu a estrada de Mértola para Beja” (VEIGA, 1983, 108); não se sabe o nome da pessoa a quem era dedicada, embora segundo o autor, se trate de uma serva de Deus, que viveu setenta anos, “P[lus]M[inus] pouco mais ou menos e descansou na paz do Senhor no dia antes das kalendas de fevereiro (31 janeiro) da era de 556” (VEIGA, 1983, 108).

Pelos dados recolhidos e publicados por Estácio da Veiga, bem como pelas recolhas de materiais feita nas imediações do local, que incluíram o já abordado capitel e o fragmento de cancela, a par das escavações arqueológicas efectuadas no ano 2001, infere-se a existência de um templo religioso que albergava enterramentos. Fica ainda por esclarecer a tipologia do edifício. Ao nível da datação, os dados disponíveis da escavação realizada são pouco precisos, mas é de supor que se trata de um edifício religioso, possivelmente em culto desde a segunda metade do século V e que funcionou até meados do século VI. As lápides recolhidas por Estácio da Veiga têm como limites cronológicos os anos entre 465 e 556, o que nos indica a utilização, pelo menos, durante 91 anos, deste espaço funerário. As estruturas e os materiais islâmicos que se sobrepõem às sepulturas sugerem que o espaço mudou de funções, passando a ser um local onde se implantaram habitações. De salientar que por vezes as estruturas islâmicos selaram parte de sepulturas ou, noutros casos, as destruíram, como é o caso da sepultura n.º 12, que foi parcialmente destruída com a construção de uma fossa de saneamento básico, certamente de uma casa islâmica.

À luz das novas interpretações referentes à topografia histórica de Mértola, e pelos materiais arqueológicos recolhidos em valas, a que acresce o conjunto de vestígios arqueológicos referidos por Estácio da Veiga, bem como as sondagens ali realizadas pela equipa do C.A.M., o local foi identificado como um templo paleocristão. Fica por esclarecer se as sepulturas estavam no interior do templo ou se estariam na parte exterior do mesmo. Ambas as situações se verificam na basílica do Rossio do Carmo e em edifícios similares da Península Ibérica. Sabemos através do Cânone XVIII do I Concílio de Braga (ano de 561) que era proibido dar sepultura aos cadáveres no interior das basílicas (Puertas TRICAS, 1975, 90). Apesar da proibição eclesiástica, verifica-se que o epitáfio de Antonina datado de 571 (DIAS e TORRES, 1984, 13), que ainda se encontra *in situ* na nave lateral norte da basílica do Rossio do Carmo, a par de sete exemplares epigráficos, vem provar a existência de enterramentos no interior desta basílica.

Em 2001 e 2005 as obras de remodelação do cine teatro Marques Duque motivaram várias intervenções arqueológicas sob a responsabilidade do Campo Arqueológico de Mértola. As escavações documentaram a existência de vários níveis cronológicos, nomeadamente os alicerces da ermida de

Santo António dos Pescadores, que assentam nos embasamentos dum arrabalde islâmico dos séculos X-XII, sob os quais se alinham os muros do primitivo templo cristão e 34 sepulturas (séculos V-VIII) que lhes estavam associadas.

A intervenção que está actualmente a ser levada a cabo na rua Dr. Rua Serrão Martins pôs a descoberto um importante conjunto de sepulturas pertencente ao cemitério que envolvia a igreja dos inícios do cristianismo existente no local do actual Cine-Teatro Marques Duque. Até ao momento foram escavadas 25 sepulturas. Este conjunto é composto maioritariamente por sepulturas de criança. Os túmulos tem uma cobertura em lajes de xisto sendo as suas paredes construídas em xisto, podendo por vezes ser argamassadas. A zona dos pés e da cabeça pode ser também construída com recurso à utilização de *tegulae* e lajes de xisto colocadas na vertical (Fig. 12).

Os esqueletos encontrados apresentam-se maioritariamente em bom estado de conservação. O corpo estava colocado em decúbito dorsal (deitados de costas), os braços e as mãos ao longo do corpo. Os túmulos estão orientados na direcção nascente-poente, com a cabeça a poente, próprio da orientação dos túmulos cristãos (Fig. 13).

Na parte mais alta deste conjunto de sepulturas apareceu um túmulo com uma orientação diferente (SW-NO). Esta sepultura possuía uma cobertura em *tegulae*. O ritual funerário remete-nos para práticas pagãs em que o defunto era acompanhado de oferendas, no caso concreto de uma lucerna, um *unguentario* uma pequena jarra de vidro, e uma moeda na mão direita, para pagar o óbulo ao barqueiro, para este o passar para a outra margem do Rio do Esquecimento.

A BASÍLICA PALEOCRISTÃ DO ROSSIO DO CARMO

Localização e caracterização

Este local foi utilizado como necrópole na Idade do Ferro e no período romano. Supõe-se ter existido nesta zona uma área cemiterial desde o século IV a. C. Hipótese sustentada pela lápide funerária que estava a ser reutilizada e servia de tampa de uma sepultura paleocristã com “escrita do sudoeste”, encontrada nas obras efectuadas em 1993. Posteriormente, o Rossio do Carmo teve uma necrópole de inumação (a partir do final do século I d. C.). A localização junto à via enquadrava-se dentro de numa prática comum que estabelecia que, ao passar pelo local dos enterramentos cada um devia prestar constantes homenagens aos seus falecidos antepassados. Esta zona cemiterial, podemos pois dizê-lo, antecede a futura basílica, e as sepulturas preenchiam já uma considerável área desta zona no século V, quando da construção do templo. Segundo

Manuela A. Dias, as inscrições funerárias encontradas no local permitem com segurança, atestar uma ocupação contínua entre, pelo menos, 462 e 706 d.C. (DIAS, 1993, 112 -118).

A basílica. Escavação, tipologia e paralelos

Foi Estácio da Veiga, em 1880, quem primeiro confirmou a existência desta área cemiterial, na sequência da profunda lavagem forçada que o terreno sofreu com as grandes chuvadas do ano de 1876. As enxurradas na sua escorrência brutal, deixaram a descoberto um notável conjunto de lápides que já então esse arqueólogo pôde identificar como estando dentro e em redor do templo, uma vez que os vestígios remanescentes do edifício religioso eram claramente visíveis: “não parece, pois, duvidoso ter o templo existido alli, a pouca distância da Igreja do Carmo, e que dentro e em torno d'elle se faziam os enterramentos” (VEIGA, 1983, 105).

As escavações realizadas um século depois pela equipa do CAM dirigidas por Cláudio Torres, vieram atestar essa afirmação, embora, devido às transformações urbanas que a zona entretanto sofreu, não fosse já possível encontrar os vestígios completos de todo o embasamento do templo.

Apesar desse facto, é possível afirmar que, tipologicamente, a basílica paleocristã de Mértola se inclui no grupo de basílicas de dupla ábside contrapostas, evidenciando na sua planta o que se supõe ser uma influência de origem norte-africana, oriunda da zona da actual Tunísia (CERRILLO, 1978, 10). Apesar das diferenças em termos de escala, foi possível constatar *in loco* as semelhanças dos exemplares de Sbeitla e de Haïdra, ambas nesse país, com este caso de Mértola (Fig. 14).

Como refere Santiago Macias, no seu estudo “Um espaço funerário”: “A proximidade formal entre os templos hispânicos e os tunisinos, bem como os intensos contactos populacionais, comerciais e culturais que se verificaram ao longo de toda a Alta Idade Média entre essas duas antigas regiões do Império Romano, justificam que se estude a basílica de Mértola em função desses contactos” (MACIAS, 1993, 34).

Essa comprovação de laços e paralelismos não se resume apenas à importação de um modelo arquitectónico, por mais integrado que esteja no movimento de implantação e crescimento de um culto religioso também ele proveniente de paragens mais a oriente no Mediterrâneo. A verificação da extensão dos laços que ligavam estas duas regiões situadas em margens opostas de um mesmo mar pode também ser inferida do conjunto de referências dadas por algumas das lápides funerárias exumadas dentro e em redor da basílica. Citando o mesmo autor: “Não só parte da antroponímia da necrópole do Rossio do Carmo

apresenta importantes paralelismos com a registada em cemitérios norte-africanos, como está comprovada, de forma indubitável, a presença em Mértola de membros da população originários dessa região” (MACIAS, 1993, 35).

A característica mais comum deste conjunto de edifícios está na sua dupla-ábside; na região norte-africana essa característica arquitectónica tem sido considerada a síntese entre um antigo ritual funerário e necessidades da liturgia. De facto, era comum que uma das ábsides fosse implantada sobre um *martyrium* (DUVAL, 1973, 378-379), de certa forma sacralizando um antigo enterramento de um membro de extraordinária importância no contexto da comunidade cristã local; porém, as necessidades litúrgicas implicavam evidentemente a existência de um local de implantação do altar, onde o ofício seria celebrado. Visto que os dois locais - o do santo mártir e o de Cristo - não podiam ser coincidentes, surgiu assim a tradição de erigir basílicas de dupla ábside, tipologia que rapidamente se disseminou entre as comunidades cristãs primitivas - provavelmente devido a esse segundo espaço sagrado dentro do templo, que permitia celebrar algum membro da comunidade religiosa local (certamente associado aos primeiros momentos do cristianismo, quicá mártir do conflito ideológico travado com os clérigos e administradores romanos), o que não deixava de ser da maior importância para a consolidação do culto nestas paragens já tão distantes das terras de Judá e da Palestina (DUVAL, 1975, 330).

Segundo alguns autores, em alguns templos a dupla ábside deve-se também à evolução dos rituais litúrgicos: quando a localização do altar foi transferida de Ocidente para Oriente, uma nova ábside surgiu (DUVAL, 1982, 105). Assim, as duas ábsides corresponderiam a momentos construtivos diferentes, essa interpretação não se ajusta ao caso de Mértola, em que elas são contemporâneas uma da outra. Também se pode destacar o facto de, nos casos norte-africanos, o altar se encontrar diante da ábside Este (quando não mesmo mais avançados, já em plena nave central), enquanto que nos casos estudados para o conjunto da Península Ibérica, o altar se encontra sempre dentro dessa ábside (DUVAL, 1982, 105).

Data também da mesma época e da mesma região norte-africana a tradição de proceder a enterramentos nas basílicas, e nesse contexto, as famílias poderosas, ligadas à hierarquia eclesiástica, desde o primeiro momento reservaram as melhores zonas para elas próprias - uma vez mais uma situação idêntica ao sucedido em Mértola. Se se contemplar o conjunto de lápides aí encontradas (quer por Estácio da Veiga, por Leite de Vasconcelos, quer, nos anos 80, pela equipa do CAM), depara-se com numerosos membros da hierarquia local: três presbíteros, um subdiácono, um porteiro, uma religiosa (interessante por poder indiciar a existência de um mosteiro feminino nesta zona) e

mesmo, entre outros, um primeiro cantor (referido como da sacrossanta igreja de Mértola), cargo que jamais havia sido referido antes no conjunto de lápides existentes na Península Ibérica para esta época histórica (DIAS, 1993, 103).

Dados construtivos (planimetria e arquitectura)

Apesar de ter desaparecido uma boa parte das estruturas originais podemos ter uma ideia aproximada de como este espaço estava organizado, ideia que foi concretizada na musealização do templo (Fig. 15).

Tratava-se de uma igreja de três naves, com sete tramos separados por colunas e com duas ábsides contrapostas, semicirculares e que eram ressaltadas em relação ao corpo do edifício.

Esta dupla ábside de Mértola, da qual há escassos testemunhos arqueológicos dada a situação anteriormente referida de obras urbanas que os fizeram desaparecer, é, no entanto, atestada por dois factores:

- a ábside poente está registada documentalmente por Fernando Ferreira que publica, em 1965, na Revista de Guimarães, “Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola” (FERREIRA, 1965, 59-72), onde esta se pode claramente ver; os trabalhos arqueológicos efectuados no local em 1991 confirmam esse registo;

- apenas na tipologia africana existem casos de basílicas com uma só ábside, situada no lado Oeste. Logo, aqui, seria de inferir a existência de uma outra cabeceira do lado nascente. Apesar de esta nunca ter sido encontrada, a presença do coro nas suas imediações, leva a considerá-la, sem grandes dúvidas, a sua existência. Seria o lugar do altar que desempenhava um papel importante no contexto dos actos litúrgicos no interior da basílica (MACIAS, 1993, 43).

Sabe-se também por representações figurativas existentes nas lápides de Mértola que, no seu interior, as naves seriam preenchidas por arcos intercolúnios, um programa morfológico do qual existem registos apenas na região da Lusitânia (SOTOMAYOR, 1982, 11-27).

Segundo aquilo que os vestígios arqueológicos permitem calcular, a basílica teria cerca de 31,5 m de comprimento por 16 m de largura interior (uma vez que cada uma das paredes laterais tem cerca de 0,8 m, a largura pelo exterior é de 17,6 m). As naves laterais possuem, no seu comprimento máximo, 23,8 m (MACIAS, 1993, 39).

Quanto às ábsides, estas seriam salientes em relação ao corpo do edifício, estimando-se que tivessem de altura cerca de 5,3 m, enquanto que a nave central teria 5,6 m e as laterais 4,2 m.

A escavação do muro situado no lado Norte, que pôs a descoberto cerca de 16,45 metros do seu embasamento, permitiu estabelecer a configuração da basílica na sua vertente Nordeste, bem como o limite Este da nave Norte.

A largura do pórtico foi verificada pela descoberta *in situ* de uma base de coluna, peça arquitectónica que integraria o acesso principal enquanto elemento estrutural.

Associado à estrutura original da basílica, parece ter sido adossado, no lado Sul, um pequeno alpendre assente em colunas, onde também havia enterramentos. No que respeita às naves, foi também identificado, além dos muros constituintes, o número dos seus tramos e a existência de um coro, do qual resta a ala norte. Este aparenta ser um elemento já presente na planta original do templo, e servia para albergar, durante a liturgia, uma parte do clero ou os leigos que participavam de forma activa nas cerimónias. Esse compartimento, certamente delimitado por uma cancela apresenta as seguintes medidas: 6,5 m de comprimento por 1,6 m de largura (MACIAS, 1993, 43).

Posteriormente, e também no espaço interior da igreja, viriam a ser feitas algumas modificações - particularmente Ao nível dos muros interiores - de modo a criar nestes resistência suficiente (aumentando a espessura dos muros) para sustentar uma cancela, hipótese que é também sugerida pela existência de vestígios arqueológicos dessa estrutura.

As escavações arqueológicas determinaram, igualmente, que um dos acessos ao templo era feito pela nave lateral Norte. Esta forma de fazer o acesso ao templo é outra característica comum aos templos peninsulares com esta cronologia. O acesso à basílica estava marcado de forma evidente: um maciço - com as medidas externas de 4,7 x 3 m - destacava-se do muro Norte do edifício, sendo a entrada feita por uma porta com 1,2 m de vão.

Quanto aos sistemas construtivos encontrados na basílica, trata-se de um edifício em alvenaria de pedra argamassada, com espessas camadas de reboco de cal. As colunas que separam as naves central e laterais apresentam uma distância entre si de 2,3 m. Dos plintos que sustentavam a arcada foram localizados sete durante a escavação, e duas das suas bases encontravam-se ainda nos devidos locais. Hoje são visíveis, no espaço musealizado, alguns destes elementos seguramente originários deste local, mas que foram sendo recolhidos em locais dispersos da vila desde há já alguns anos (LOPES, V., 1993, p.67).

Quanto à cobertura, compõe-se de elementos tradicionais romanos - *tegulae* e *imbrices* -, da qual foram encontrados inúmeros vestígios depositados no

chão da basílica. A nave central apresentaria duas águas, ladeadas por outras duas, sobre as naves laterais. Por último, mencionamos o pavimento. Constituído por *opus signinum*, tem um aspecto desgastado. A maior parte da sua superfície, como se referiu já, encontra-se ocupada por sepulturas.

Tudo nos vestígios deste templo aponta para uma única campanha construtiva no seu essencial, apenas, como já se referiu, com ligeiros acrescentos um pouco mais tardios.

Este edifício revela uma funcionalidade funerária pois em quase todo o espaço interior, bem como nas áreas adjacentes, estavam localizadas sepulturas em fossa, escavadas na rocha. A cobertura destes túmulos era feita com *opus caementicium*, podendo estar identificada com uma lápide funerária. O conjunto de lápides estudadas por Manuela A. Dias revela não só questões de natureza cronológica ou estilística mas, também, dados de natureza social e geográfica. Através do seu estudo ficou provada a presença em Mértola de várias comunidades humanas oriundas de todo o Mediterrâneo (DIAS, 1993, 103).

As sepulturas, os dados antropológicos e o ritual funerário

As escavações arqueológicas revelaram que no interior e na zona envolvente da basílica e do pórtico sul existiam enterramentos. Exceptuava-se a zona das absides onde não se encontraram sepulturas (Fig. 16). O facto de haver enterramentos dentro da basílica não é caso único ao nível peninsular, pois vários são os exemplos que reflectem esta prática, nomeadamente em Torre de Palma (Monforte), Monte da Cegonha (Vidigueira), Casa Herrera (Mérida), para citar alguns dos paralelos mais próximos.

Na basílica e área envolvente foram escavadas por Estácio da Veiga 52 inumações, situando-se grande parte dos túmulos no alpendre e nas naves central e sul. As escavações levadas a cabo nas décadas de oitenta e noventa do século passado pela equipa do CAM puseram a descoberto túmulos que têm a seguinte distribuição espacial: quatro sepulturas nas imediações da porta norte; quatro no exterior norte; sete na nave norte; duas na nave central; doze no alpendre e três no exterior sul. Todo o conjunto pertence a uma tipologia única de sepulturas, todas elas escavadas na rocha e cobertas com lajes de xisto, e possuindo por vezes pequenos muretes no interior, nos quais assenta a cobertura; verifica-se também que algumas das sepulturas possuíam revestimento interior em *opus caementicium*. A nível da cobertura os túmulos tinham uma caixa saliente feita com uma espécie de *opus signinum*. À superfície das sepulturas podia ainda existir uma inscrição numa laje de mármore ou, mais raramente uma decoração em mosaico. Com vestígios desta última solução, foram encontradas algumas

tesselas *in situ* e um pequeno fragmento de mosaico encontrado numa deposição secundária. Estas tesselas em calcário e pasta vítrea surgem também dispersas na zona norte da basílica, o que pressupõe que o uso de mosaicos sepulcrais também ocorreu em Mértola à semelhança do que sucedia no Norte de África. Ao nível peninsular esta prática também ocorreu, em especial nas ilhas Baleares e na zona da Tarraconense (PALOL, 1967, 323-331). Em Portugal regista-se o mosaico funerário de Frende (Baião), possivelmente datado de meados do século V e com nítida influência norte africana (ALMEIDA, 1986, 11).

As sepulturas deste cemitério têm uma forma rectangular, com dimensões médias de cerca de 1,80 m de comprimento, 0,40 m de largura e 0,55 m de profundidade (MACIAS, 1993, 51). As sepulturas de criança são naturalmente mais pequenas mas possuem as mesmas características construtivas.

O ritual funerário utilizado neste local foi a inumação. As sepulturas estão orientadas Nascente-Poente, sendo que, nos enterramentos onde a cabeça foi colocada para Oeste, o defunto foi posto em decúbito dorsal, com os braços ao longo do corpo. As únicas excepções verificam-se quando havia falta de espaço no interior da basílica, o que implicava a adaptação possível ao espaço de que dispunha.

Das trinta sepulturas estudadas pela equipa de antropologia verificou-se que 14 têm ossadas de apenas um esqueleto, detectando-se nos restantes 16 casos um uso sucessivo que pode ir até oito indivíduos. Quando estas reutilizações de sepulturas aconteciam, era prática comum removerem os ossos do defunto para a zona dos pés e colocarem um outro corpo. As zonas de entrada parecem ser onde se verifica uma maior percentagem de sepulturas reutilizadas. Assim, na zona do alpendre, em dez sepulturas com espólio osteológico verificou-se a concentração de restos de vinte e cinco indivíduos (MORALES, 1999, 286).

A falta de espólio funerário não nos permite dispor de um importante critério de diferenciação social dos indivíduos sepultados. Apenas foram encontrados um brinco na sepultura 163 (LOPES, 1993, 72) e um lacrimário junto à face direita da sepultura 149 (LOPES, 1993, 82). Tudo leva a crer que o ritual funerário desta igreja fosse semelhante aos praticados noutros locais, em que o defunto era transportado até ao túmulo num esquife, sendo inumado numa sepultura aberta na rocha ou construída com pequenos muretes interiores.

Uma intervenção arqueológica de emergência ocorreu no sítio do Rossio do Carmo, na área adjacente antes da construção do novo Tribunal. As obras de terraplanagem e de movimentação de terras realizadas a escassos cinquenta metros da ábside oeste da basílica, foram acompanhadas por elementos do CAM, que aí

detectaram a existência de duas jazidas. Foi escavada e estudada uma sepultura de inumação, que revela rituais de enterramento similares aos praticados no interior da basílica. O corpo foi depositado numa caixa sepulcral delimitada lateralmente por pedras e com a cobertura feita por lajes de xisto, percebendo-se, pela análise efectuada que se tratava de um indivíduo do sexo masculino, com idade situada entre os 40 e os 60 anos. A posição do cadáver, em decúbito dorsal, aproxima esta sepultura das identificadas na basílica Paleocristã. O terreiro do Rossio do Carmo, pela sua configuração topográfica e proximidade da grande via que tomava a direcção de Beja, tornou-se o local privilegiado de inumação das gentes de Mértola entre o século V e o VIII. Com este achado aumenta substancialmente a área de dispersão das sepulturas desta necrópole e a eventual delimitação a poente, atestando a continuidade e persistência funcional desta área urbana nos períodos medieval islâmico.

A COLECÇÃO LAPIDAR

A epigrafia e a decoração das lápides funerárias de Mértola tem sido alvo de trabalhos sistemáticos por parte de Manuela A. Dias (DIAS, 1997, 319-340). A autora distingue a nível dos motivos decorativos seis grupos em que o “critério de agrupamento passou pela aceitação, como elemento nuclear, do próprio conjunto decorativo, isto é, não se procedeu à decomposição dos elementos constitutivos de cada grupo, porque se admite que a sua associação é mais do que uma simples acumulação de significados, correspondendo, cada um, a um determinado segmento simbólico da mensagem visual” (DIAS, 1997, 323). Primeiro grupo: cruz latina ou cruz pátea dentro de círculo uma ou outra encimando o texto e no prolongamento do eixo mediano de simetria. Segundo grupo: cruz pátea circundada encimando o texto, o todo sob um arco no prolongamento do eixo mediano. Terceiro grupo: cruz ou *chrismon* com colunas enquadrando o texto, alguns encimados por arco. Quarto grupo: cruz ou *chrismon* com aves afrontadas. Quinto grupo: *chrismon* associado a outros motivos, o conjunto, é colocado acima do texto no prolongamento do eixo mediano de simetria. Sexto grupo: outros elementos por exemplo os drapeados (DIAS, 1997, 325).

A propósito do estudo da decoração dos epitáfios da basílica do Rossio do Carmo, Manuela A. Dias concluiu que “do ponto de vista social, o tema decorativo do arco sobre colunas se afirma predominantemente nas lápides funerárias de indivíduos ligados à hierarquia religiosa de Mértola” (DIAS, 1997, 319).

Por outro lado, Justino Maciel, ao estudar o mesmo conjunto lapidar, faz um agrupamento das peças de maneira diferente, considerando seis grupos. Ao nível

decorativo-simbólico de cruzes, crismones, decoração arquitectónica, decoração geométrica, decoração vegetalista e decoração animal (MACIEL, 1996, 172).

No conjunto das 40 lápides datadas de Mértola, o mais antigo enterramento detectado corresponde ao ano de 462 (epitáfio que se conserva no Museu Nacional de Arqueologia) sendo o último o epitáfio funerário correspondente ao presbítero Afranius, datado de 706 (IHC 302, desaparecida contudo conserva-se um desenho) (DIAS, 1997, 319). Apesar dos diversos estudos de que estes monumentos foram alvo, é extremamente difícil saber ao certo o número exacto dos epitáfios paleocristãos de Mértola, dado que existem muitos fragmentos de lápides com possibilidade de pertencerem ou não à mesma peça (Figs. 17 e 18).

Como salienta Justino Maciel, a propósito das características artísticas de que está imbuído o conjunto de epitáfios funerários descobertos em Mértola, “notamos que ela tem uma individualidade muito própria, embora reflectindo múltiplas influências que lhe vêm sobretudo da Itália, mas regista-se igualmente uma interacção com zonas do sul da Gália e do Norte de África” (MACIEL, 1996, 179).

De qualquer modo, julgamos ficar claramente atestada a tradição mortuária da Basílica do Rossio do Carmo, tradição que se prolongará pelo período islâmico. Será somente em época cristã medieval, após a Reconquista, que a sagração da antiga mesquita, situada na zona da alcáçova do castelo, como igreja matriz, arrastará para junto de si a zona cemiterial, que aí se manterá, apenas com um pequeno deslocamento mais para noroeste, até aos nossos dias.

O MOSTEIRO DO MONTE MOSTEIRO

Junto à antiga estrada que ligava *Myrtilis* a *Pax Julia*, e nas proximidades da difícil passagem da ribeira de Terres e Cobres, localiza-se uma pequena povoação (monte) denominado Mosteiro. Na extremidade do casario, ligeiramente destacado, existe um edifício que foi identificado como pequeno edifício de culto. Este local foi uma *villa* ou *mansio* romana, tendo, posteriormente, com o advento do cristianismo, sido adaptada a um *monasterium* de tipo familiar. Tem o eixo principal com orientação Este-Oeste, comum nos templos cristãos.

Este monumento foi inicialmente identificado por Cláudio Torres, e posteriormente alvo de um estudo específico por parte de Justino Maciel e de João P. Martins (MACIEL, e MARTINS, 1995, 499).

São vários os elementos arquitectónicos e arqueológicos do período tardo-romano e paleocristão que aí se encontram. Muitos foram reempregues como

materiais de construção, estando inseridos em diversos edifícios do monte, ainda hoje habitado. Entre eles destacam-se fustes de colunas de mármore e numerosas *tegulae* integradas em muros de alvenaria. Num outro edifício situado defronte do mencionado mosteiro está embutida na parede uma pequena cruz feita com pequenas pedras de quartzo da região igualmente de diminutas dimensões. Segundo informações dadas por pessoas idosas que viveram toda a sua vida neste local, foram também encontrados alguns restos de mosaico mas que se perderam com o passar dos tempos, não existindo actualmente qualquer vestígio desse pavimento.

O monumento é constituído por dois espaços: a capela-mor absidada, com vestígios de abóbada e o corpo principal de forma rectangular, tendo ambas como técnica construtiva estruturas de alvenaria de pedra argamassada com barro. Ao nível das paredes. Na ábside as paredes são de alvenaria de pedra ligada por argamassa. Do arranque da abóbada ainda se conservam algumas fiadas de tijolos. No interior, ao contrário do exterior, as paredes são rebocadas com argamassa de cal. O solo da ábside encontra-se em terra batida e o corpo da capela revestido com empedrado de xisto. A porta não se encontra em simetria com a planta da igreja, pelo que sugere um momento diferente de construção ou remodelação do edifício original.

A separar os dois espaços encontra-se um arco de volta perfeita. A parte exterior da ábside apresenta planta quadrangular onde são visíveis duas ranhuras verticais para a entrada de luz.

Os relatos orais recolhidos junto da população local referem, uma vez mais, o aparecimento, na zona envolvente do Mosteiro, de “pedrinhas de várias cores”, que interpretamos como sendo de um mosaico, bem como a existência de várias sepulturas, entretanto destruídas. Esta hipótese, de mosaicos associados a sepulturas, a verificar-se, situar-nos-ia nos séculos V-VI, altura em que se desenvolveu este tipo de decoração, quase em exclusivo na África romana e na Hispânia (PALOL, 1967, 321). Da construção inicial são visíveis ainda restos de construções na parte norte do edifício, muros de pedra ligados por argamassa de fábrica de tradição romana.

Justino Maciel realça a proximidade deste monumento com a via ente *Myrtilis* e *Pax Julia* e coloca a hipótese de este mosteiro estar relacionado com um possível *Xenodochium* rural de apoio a viajantes, mercadores e peregrinos (MACIEL, 1996, 115). Estas hipóteses carecem, no entanto, de confirmação arqueológica.

Este edifício foi posteriormente modificado. Desta remodelação faz certamente parte a construção do arco pleno construído com tijolos cerâmicos chanfrados, que, segundo Joaquim Boiça “denuncia uma época tardia, provavelmente a primeira metade do século

XVII” (BOIÇA, 1998, 62.), ou, como defende Justino Maciel, os séculos XVI-XVII, recuando um pouco a cronologia a aplicar (MACIEL, e MARTINS, 1995, 502).

O edifício foi alvo de um processo de conservação e recuperação, levado a cabo pelos alunos do curso de Técnico de Recuperação do Património Edificado, da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça delegação de Mértola, de forma a corrigir as patologias existentes e recuperar a sua traça original. Neste processo foram empregues as tecnologias tradicionais de construção como a taipa, a alvenaria de pedra, o caniço e o telhado tradicional com telhas de meia cana. Esta obra constituiu-se como um excelente local de aprendizagem onde foram postos em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da formação (Fig. 19).

Paralelamente foram desenvolvidos trabalhos arqueológicos na área envolvente do monumento, que vieram a confirmar a existência de enterramentos e de restos de mosaico. Este, apesar das suas reduzidas dimensões, é rico em informação: trata-se de um mosaico policromo, sendo o fragmento pertencente à zona da bordadura. Da decoração são perceptíveis motivos geométricos compostos por semi-círculos e triângulos alternados. Foi também efectuado o levantamento, o desenho e a análise das técnicas construtivas, visando o conhecimento dos vários momentos construtivos do edifício, integrando este estudo uma operação de “arqueologia da arquitectura”. A escavação veio a revelar a existência de oito enterramentos de criança, de tenra idade, feitos no interior do monumento, com uma grande concentração na zona da abside. Para além destas sepulturas de criança, foram escavadas, na parte exterior, quinze outros túmulos (Fig. 20). As sepulturas, pelas suas dimensões, pela sua orientação e pelo reduzido espólio associado (brincos), é de inferir que se trata de enterramentos cristãos do século VI-VII (LOPES, 2007, 4-5).

CONCLUSÕES

Durante o mundo clássico e medieval islâmico os cemitérios estão localizados no exterior das muralhas, fora de portas e nas imediações dos caminhos. São assim a necrópole de incineração da Rua Alves Redol, a necrópole romana do Rossio do Carmo, a necrópole da Achada de S. Sebastião, os enterramentos paleocristãos e islâmicos no Rossio do Carmo e em toda a encosta do nas suas imediações.

Após a “Reconquista cristã” feita pelos cavaleiros da Ordem de Santiago em 1238 os enterramentos começaram a ser feitos na Igreja Matriz e nas suas imediações.

A temática das necrópoles em Mértola está longe de estar encerrada, pois os trabalhos arqueológicos que estão a decorrer estão a trazer novos dados e a abrir novas perspectivas de investigação a acrescer a um acervo osteológico considerável fruto dos trabalhos arqueológicos realizado ao longo dos últimos trinta anos. Contudo, devo mencionar um conjunto de projectos que estão em curso, nomeadamente, na necrópole paleocristã do Monte Mosteiro (LOPES, 2007, 5), na necrópole islâmica do Rossio do Carmo (BARS, 2006, 140), ou os estudos de ADN feitos em colaboração com o Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto (PEREIRA, *et alii*, 2006, 828) ou ainda os estudos em curso sobre a necrópole medieval e moderna que se implantou nas imediações da Igreja Matriz de Mértola e sobre a alcáçova do castelo de Mértola, certamente serão um contributo importante para a percepção da História da morte nesta localidade e no seu território.

BIBLIOGRAFÍA

- ALARCÃO, J., (1989) - "A Cidade Romana em Portugal" in *Cidades e História*, Ciclo de Conferências promovido pelo Serviço de Belas Artes, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 73-127.
- ALARCÃO, J., et alii, (1979) - *Fouilles de Conimbriga - VII, Trouvailles Diverses et Conclusions Générales*, Paris.
- BARROCA, M., (1987) - *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-E-Minho*, Prova Pública de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Faculdade de Letras do Porto, ed. policopiada, Porto.
- BARS, Dominique Le, (2006), "Nouveau Project de recherche sur le site funéraire de Rossio do Carmo, Mértola", in *Al-Ándaluz espaço de Mudança*, CAM, Mértola, p. 140-147.
- BOIÇA, J., (1998) - *Imaginária de Mértola*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.
- CERRILLO, E., (1978) - *Las construcciones basilicales de época paleocristiana y visigoda en la antigua Lusitania* (resumen de la tesis presentada para aspirar al grado de Doctor en Filosofía y Letras) Salamanca, Universidad de Salamanca.
- CHAPMAN, R., (1987) - "Mortuary practices: society, theory building and archaeology in death, decay and reconstruction" in *Approaches to archaeology and forensic science*. Manchester University Press, Manchester, p. 198-213
- CIL II, parte 7, nº. 657 /http://www2.alcala.es/imagenes_cilii/CILII7_0657.jpg
- DIAS, M. A., (1997) - "A decoração dos epitáfios cristãos de Mértola (séculos V e VIII)", in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/10, p. 319-340.
- DIAS, M. A., e TORRES, C. (1984) - "Cinco Novos Epitáfios Paleo-cristãos de Mértola", in *Ficheiro Epigráfico*, 39, Coimbra.
- DIAS, M.A., (1993) - "Epigrafia", in *Museu de Mértola - Basilica Paleocristã*, CAM, p. 102-138.
- DUVAL, N., (1973) - *Eglises africaniznes à deux absides*, 2 vols., Paris.
- DUVAL, N., (1975) - *Recherches archeológicas à Haïdra. I - La basilique I dite de Saint Melléus ou de Saint-Cyprien*, Roma, École Française de Rome.
- DUVAL, N., (1982) - *Recherches archeológicas à Haïdra. II - Les inscriptions chrétiennes*, Roma, École Française de Rome.
- FERREIRA, F. B., (1965) - "Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola", in *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, 195, p. 59-72
- GODOY FERNÁNDEZ, C., (1995) - *Arqueologia y Liturgia. Iglesias Hispánicas*, Universitat de Barcelona, Barcelona.
- GOMEZ-MARTÍNEZ, Susana, e LOPES, Virgílio, (2007), "Trabalhos arqueológicos de Estácio da Veiga em Mértola" in *Actas do 4º Encontro de Arqueologia do Algarve - percursos de Estácio da Veiga*, XELB nº 7, pp. 269-282.
- GONDI, F. G., (1968) - *Tratato Di Epigrafia Cristiana Latina e Greca del mundo Romano Occidentale*, Roma.
- LOPES, V., (1993) - "Materiais Arqueológicos", in *Museu de Mértola - Basilica Paleocristã*, C.A.M., Mértola p. 66 - 100.
- LOPES, V., (1993) - "Materiais Arqueológicos", in *Museu de Mértola - Basilica Paleocristã*, C.A.M., Mértola p. 66 - 100.
- LOPES, V., (1999) - "A necrópole da Achada de S. Sebastião", in *A necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião*, , Mértola, p.79-99.
- LOPES, Virgílio, (2003), *Mértola na Antiguidade Tardia. A topografia histórica da cidade e do seu território nos alvares do cristianismo*, CAM, Mértola, 2003.
- LOPES, Virgílio, (2007), "Intervenções arqueológicas em Mértola", in *Al-madan* online, IIª SÉRIE, Nº15, p. 4-5.
- MACIAS, S., (1993) - "Um Espaço Funerário" in *Museu de Mértola - Basilica Paleocristã*, Campo Arqueológico de Mértola, p. 30-62.
- MACIEL, J. e MARTINS J.P., (1995) - "Monasterium e Ecclesia de S. Salvador no Monte Mosteiro, (Mértola)", in *IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica*, Lisboa(1992), Barcelona, p. 499-506.
- MACIEL, J., (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa.
- MAIA, M. e MAIA, M., (1996) - "Os castella do Sul de Portugal e a Mineração da Prata nos Primórdios do Império", in Rego, M. (Coord.), in *Mineração do Baixo Alentejo*, CMCV, Castro Verde p. 61-81.
- MARTINS, M. e DELGADO, M. (1993) - "As necrópoles de Bracara Augusta", in *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6-7, Braga, p. 41-186.
- MORALES, A. C., (1999) - "Vida e morte na Mértola Romana. A necrópole da Achada de S. Sebastião. Primeiros dados", in *Museu de Mértola, A Necrópole e a Ermida da Achada*

- de S. Sebastião, CAM/EPBJC, Mértola p. 101-127.
- MORALES, A.C., (1999) - "La Colección Antropológica del Campo Arqueológico de Mértola (s. II-XVI). Reconstruir la sociedad y los modos de vida a partir del registro funerario". *Arqueologia Medieval*, 6. CAM. Edições Afrontamento, Porto, p. 279-292.
- OLIVEIRA, J. T. de e OLIVEIRA, V., (1996) - "Síntese da geologia da faixa piritosa em Portugal, e das principais minerações associadas", in Rego, M. (Coord.), *Mineração no Baixo Alentejo*, CMCV, Castro Verde, p. 8- 28.
- PALOL SALELLAS, P. de, (1949), *La colección de lucernas romanas de cerámica de Ampurias en el Museo Arqueológico de Gerona*, MMAP, X p. 233-265.
- PALOL SALELLAS, P. de, (1967) - *Arqueologia cristiana de la España Romana* (siglos IV al VI), CSIC, Instituto Enrique Florez, Madrid-Valladolid, Madrid.
- PALOL SALELLAS, P. de, (1967) - "En torno de la iconografía de los mosaicos cristianos de las basílicas de las Baleares", in *Actas de la I Reunión d'APH.*, (Vitoria, 1966), Vitoria, p. 131-151.
- PEREIRA, L., MORALES, A.C., GOIOS, A., DUARTE, R., RODRIGUES, C., ENDICOTT, P. ALONSO, A., MARTIN, P., TORRES, C., AMORIM, A., (2006), "The Islamization of Iberian Peninsula: a demographic shift or a cultural change? Search for an answer using extant and ancient DNA from Mértola (Southeast Portugal)", in *Progress in Forensic Genetics 11. International Congress Series 1288*: p. 828-830.
- PÉREZ, Juana Marquez, (2006), *Los culumbarios: Arquitectura y paisaje funerário em Augusta Emérita*, Instituto de Arqueologia de Mérida - CSIC, Badajoz.
- PUERTAS TRICAS, R., (1975) - *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII) - testimonios literários*, Madrid.
- RIPOLL, G., (1996) - "La Arquitectura Funerária em Hispania", in *Spania Estudis d'Antiguitat Tardana oferts en homenatge al Professor Pere de Palol i Salellas*, Publicacions de L'Abadia de Montserrat, Barcelona, p. 215-224.
- SIMON, M. e BENOIT, A., (1985) - *Le Judaïsme et le Cristianisme Antique*, Paris, 2ª ed..
- SOTOMAYOR, M., (1982) - "Reflexión histórico-arqueológica sobre el supuesto origen africano del cristianismo hispano" in *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispanica*, Barcelona, Institut d'Arqueologia I Prehistòria, p.11-27.
- TORRES, C., BOIÇA, J., LOPES, V., PASSINHAS, M., (1991) - *Museu de Mértola - Núcleo Lapidar* (catálogo), C.A.M., Mértola.
- VEIGA, Estácio da, 1983, *Memórias das Antiguidades de Mértola*, Edição fac-similada de 1880, Lisboa, Imprensa Nacional/Câmara Municipal de Mértola.
- YOUNG, B., (1997) - "Paganisme, christianisation et rites funéraires nérovingiens", in *Archéologie Médiévale*, vol.VII, Centre de Recherches Archéologiques Médiévales., p. 5-81.

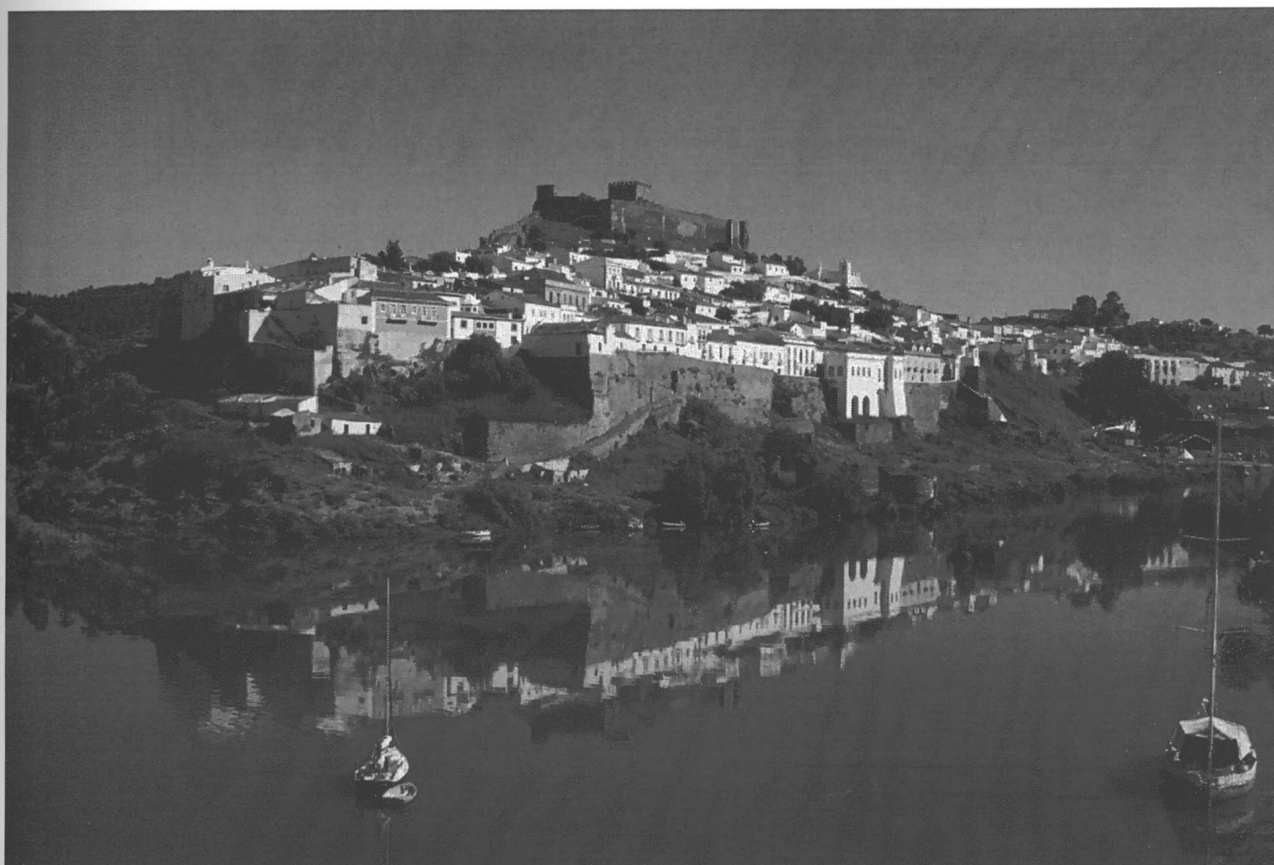


Fig. 1 – Vista geral de Mértola e do rio Guadiana.

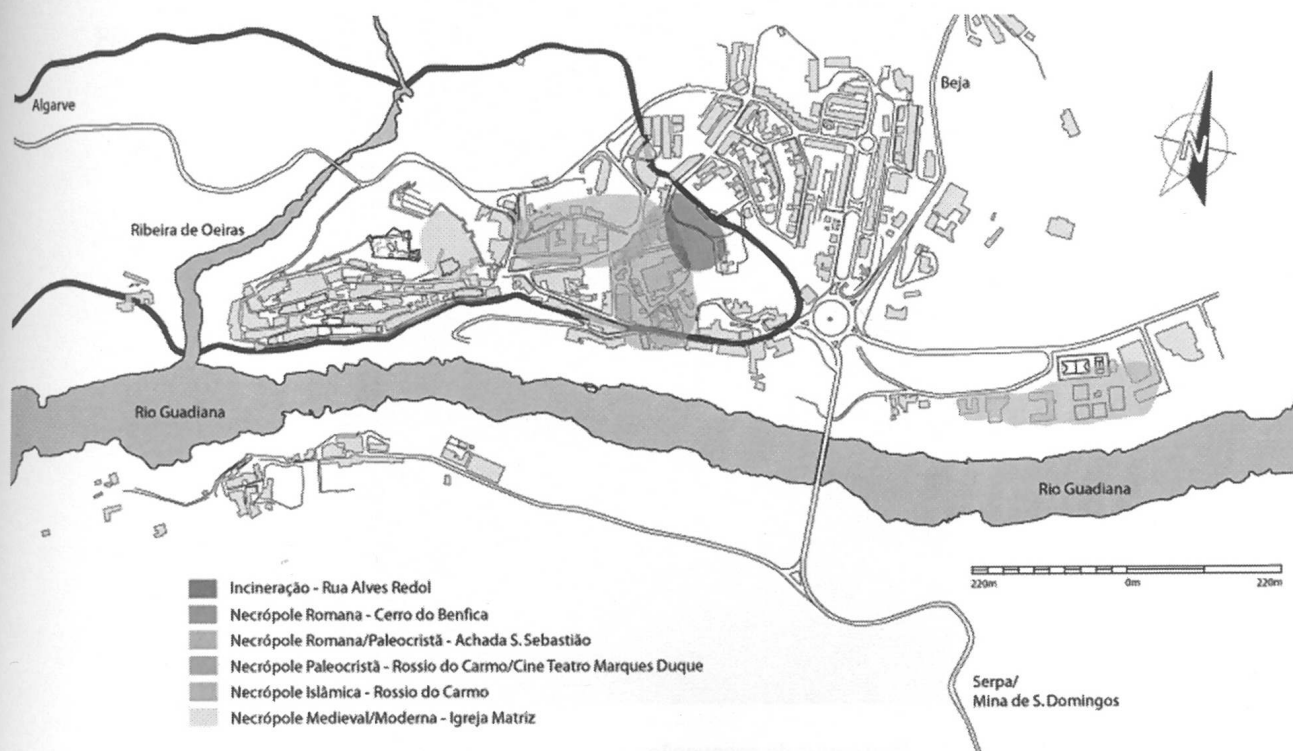


Fig. 2 – Planta geral da topografia histórica das necrópoles de Mértola.



Fig. 3 – Vista geral da escavação da necrópole de incineração da Rua Alves Redol.



Fig. 4 – Pormenor da escavação de uma sepultura de incineração.

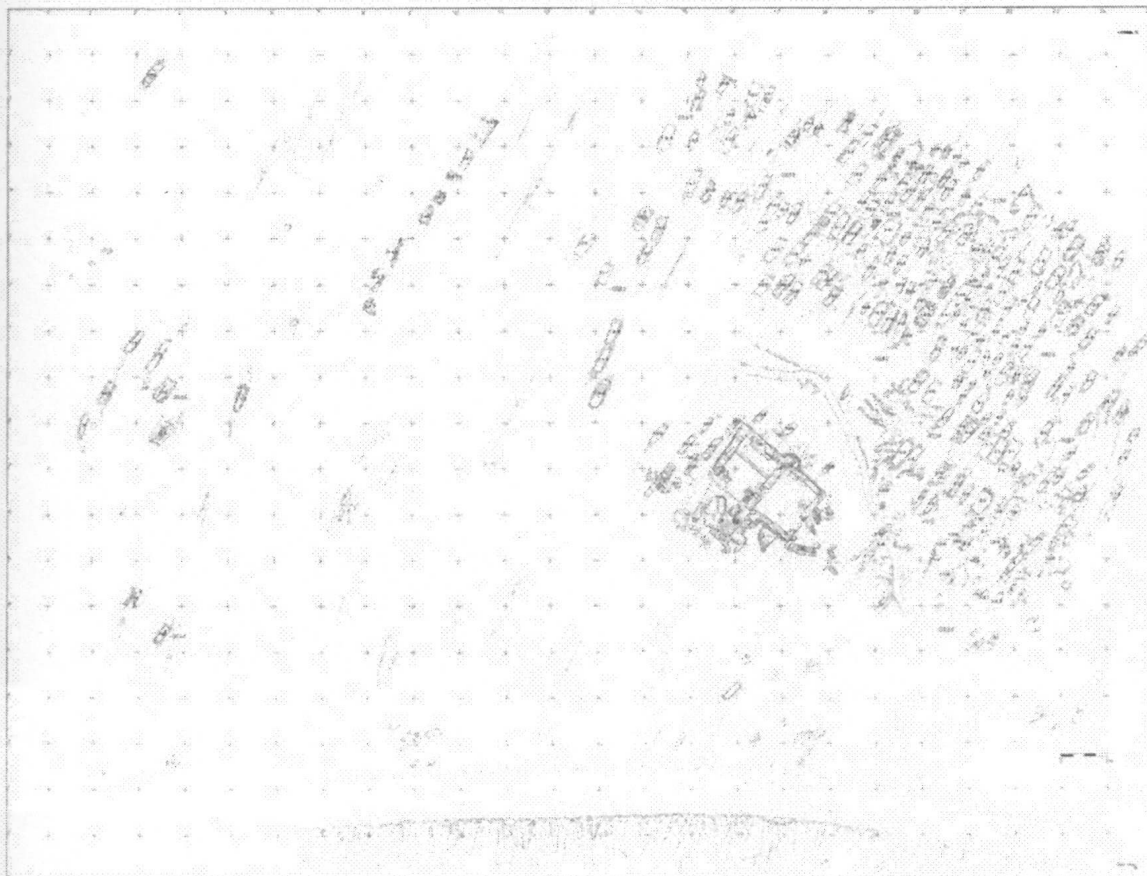


Fig. 5 – Planta geral da necrópole d Achada de S. Sebastião.



Fig. 6 – Vista geral da necrópole e ermida depois de musealizada.

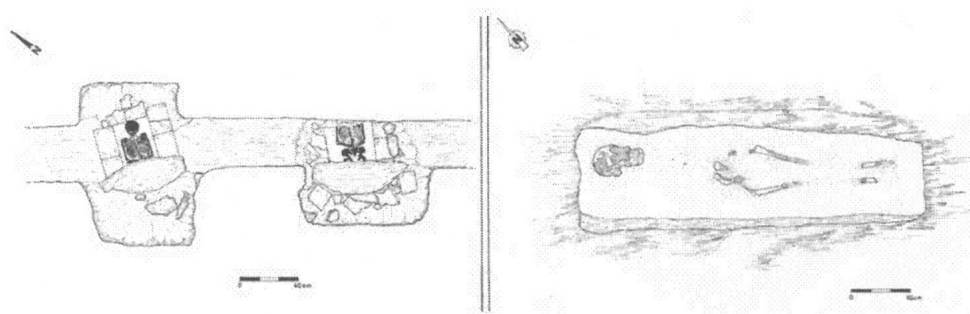


Fig. 7 – Desenhos de sepulturas.



Fig. 8 – Medalha com chrismon.



Fig. 9 – Vista geral da sepulturas na entrada do Cine Teatro (2005).

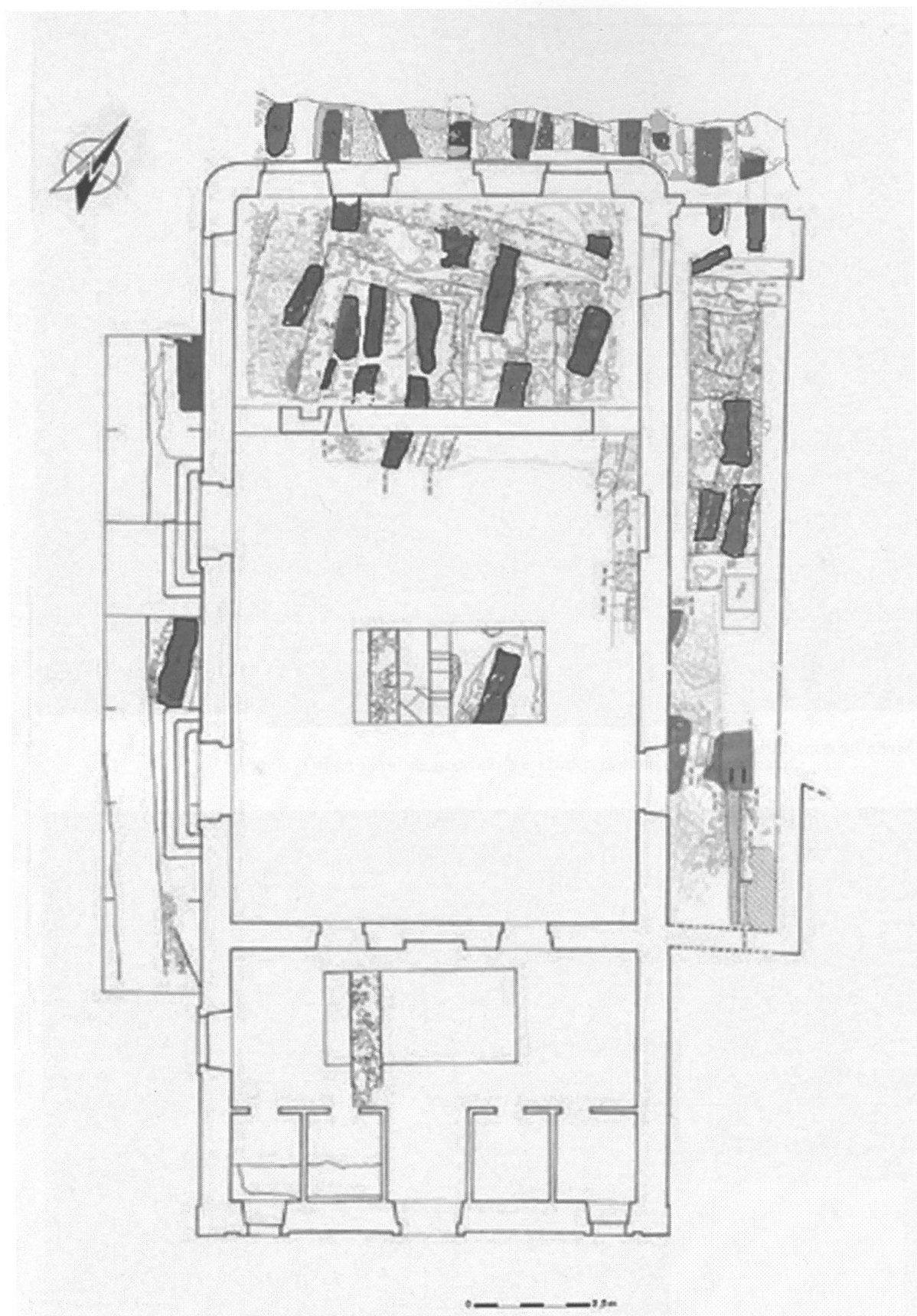


Fig. 10 – Planta geral dos enterramentos do Cine Teatro.



Fig. 11 – Fragmento de lápide funerária.



Fig. 12 – Vista geral da escavação na zona do Cine teatro (Abril 2008).



Fig. 13 – Pormenor da escavação de uma sepultura (Abril de 2008).

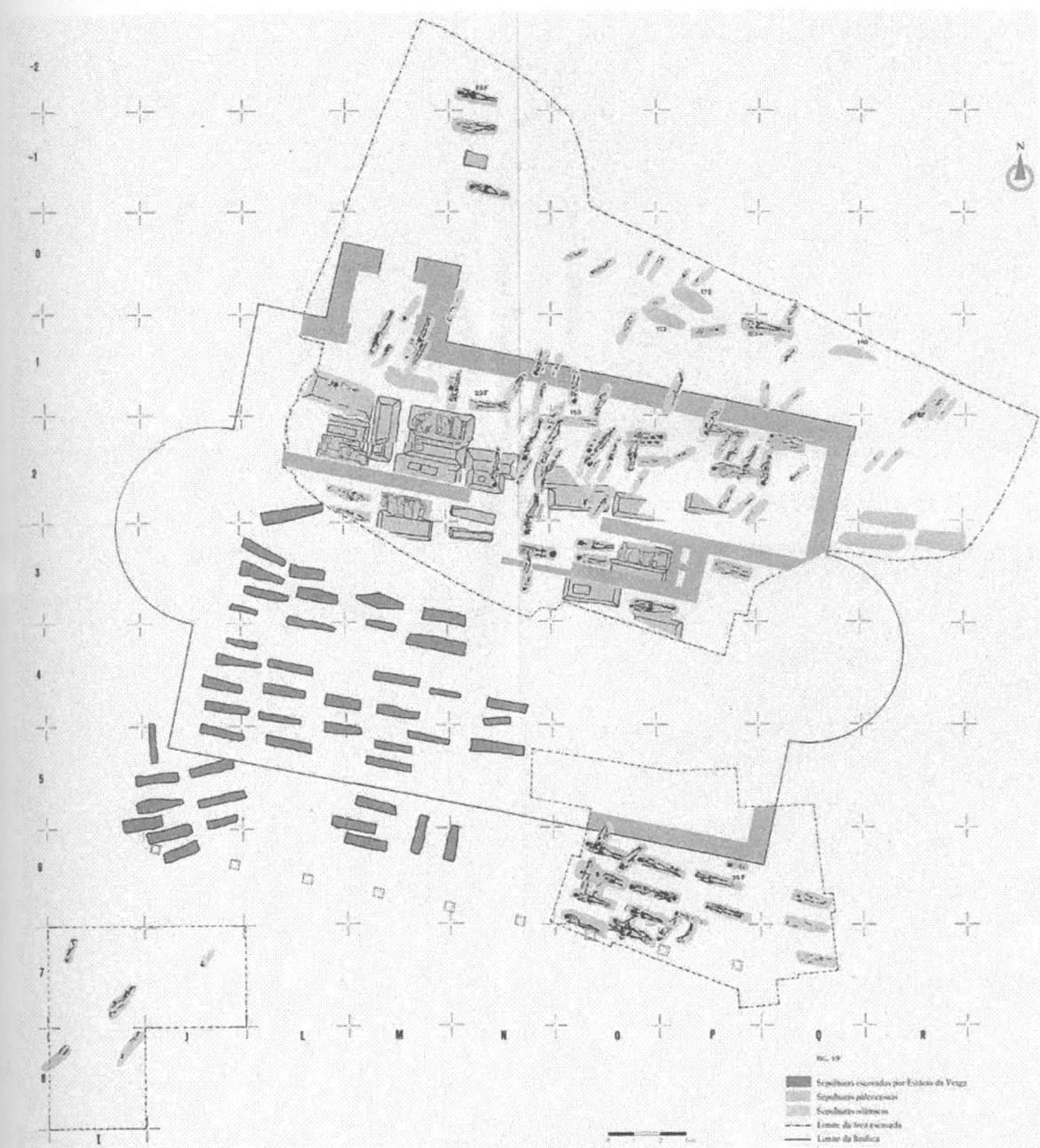


Fig. 14 – Planta geral da basílica e necrópole islâmica do Rossio do Carmo.



Fig. 15 – Vista do interior do núcleo museológico da Basílica Paleocristã do Rossio do Carmo.

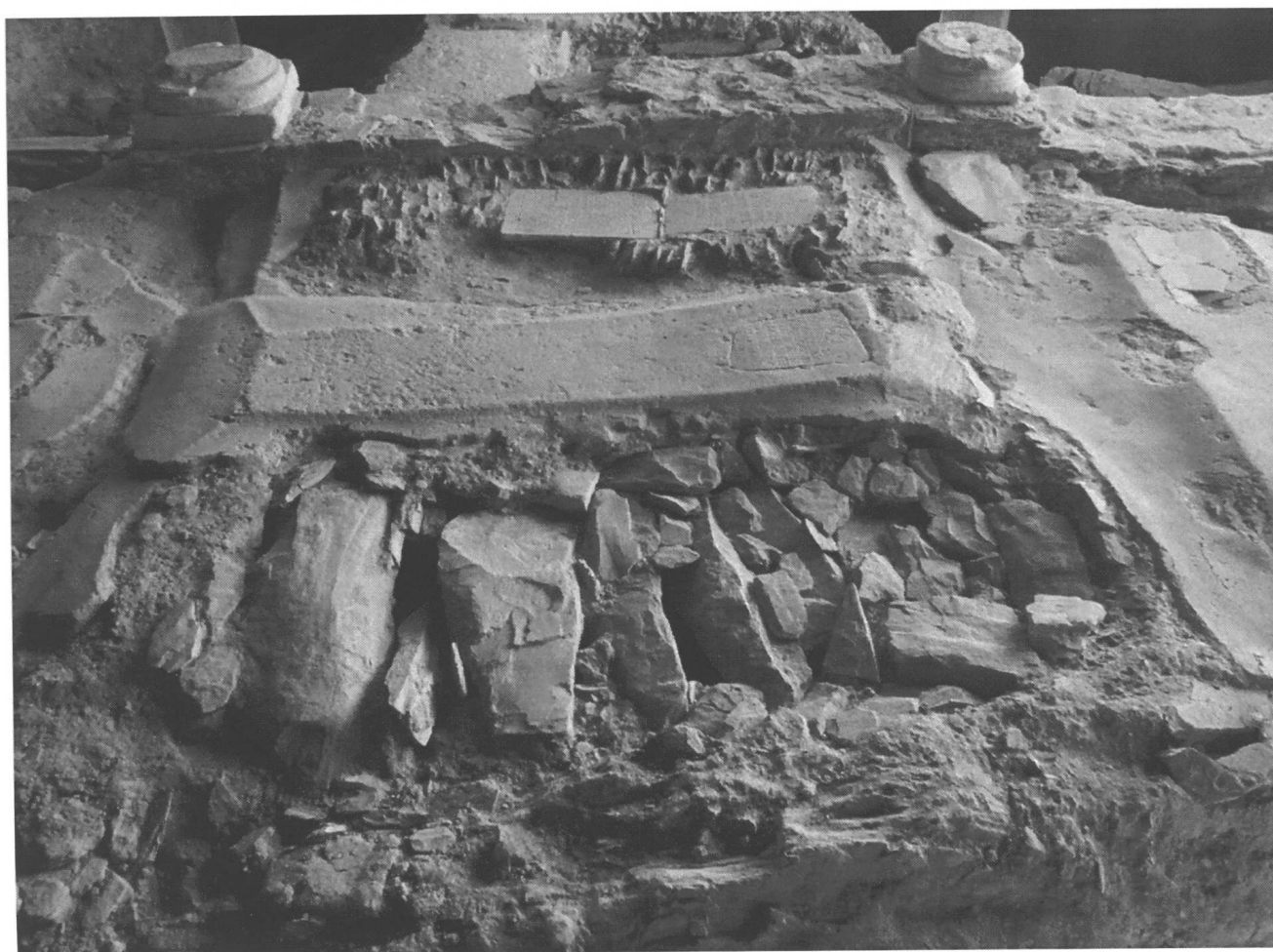


Fig. 16 – Pormenor da cobertura das sepulturas.

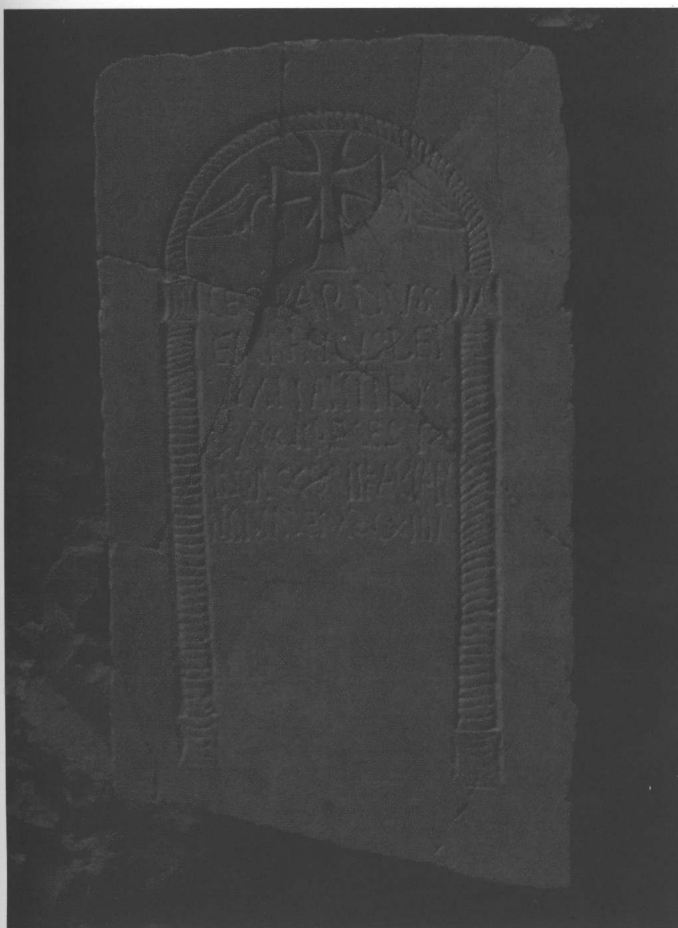


Fig. 17 – Lápide paleocristă.



Fig. 18 – Lápide paleocristă.

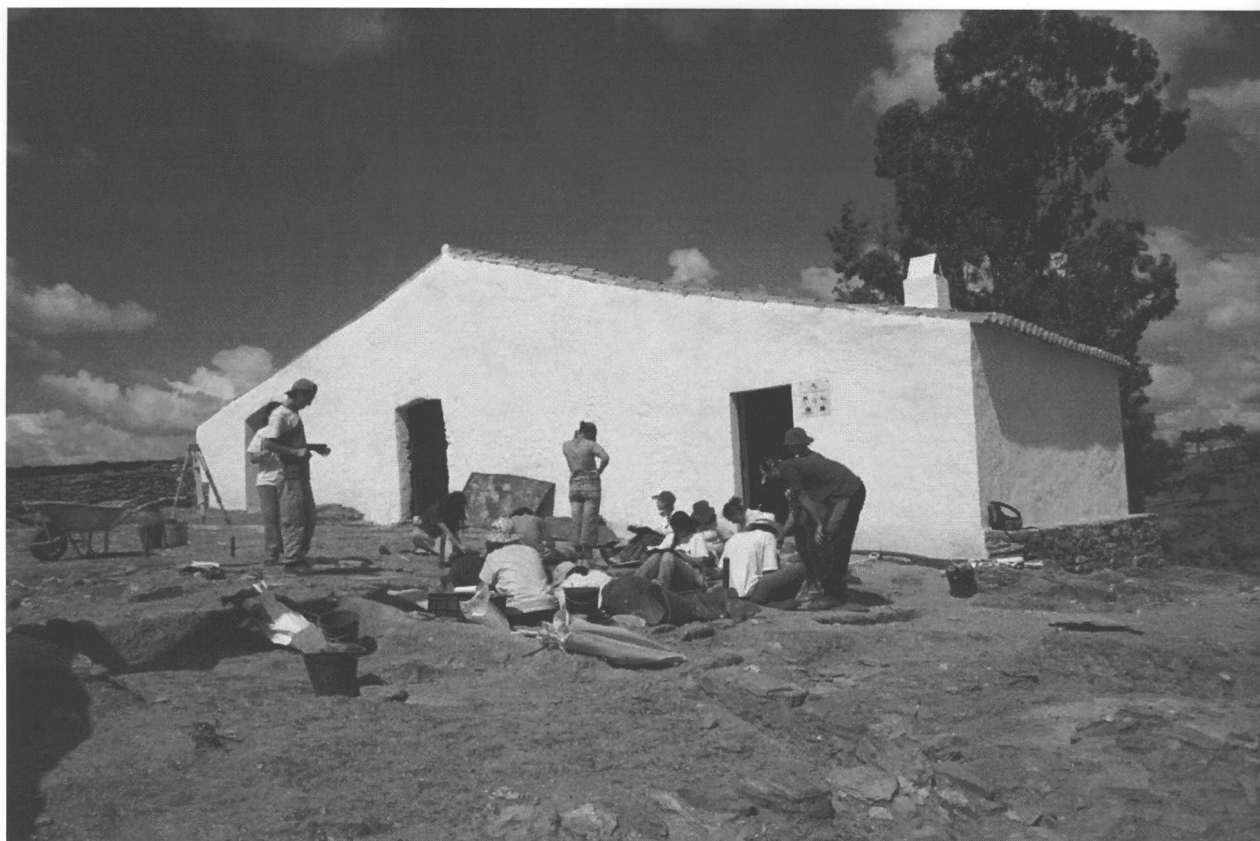


Fig. 19 – Escavação da necrópole do Monte Mosteiro.



Fig. 20 – Pormenor da escavação da necrópole paleocristã do Monte Mosteiro.